

*Centro de
Assistência para
Mulheres em
Situação de Risco*



Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Orientadora: Prof. Sandra Catharinne Pantaleão
Orientanda: Talita Santana Costa

*Centro de Assistência
para Mulheres em
Situação de Risco*

Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Escola de Artes e Arquitetura
Curso de Arquitetura e Urbanismo
Trabalho de Conclusão de Curso
Orientadora: Prof. Sandra Catharinne Pantaleão
Orientanda: Talita Santana Costa

2020

Resumo

A violência doméstica, um problema enraizado na cultura de várias sociedades, começou a ser mais debatido nas últimas décadas, devido a movimentos que questionaram a estrutura e os papéis de gênero. Há uma luta e busca por superar os séculos e práticas abusivas consideradas normais diante da sociedade. Atualmente, pode-se perceber o aumento de denúncias e uma maior conscientização da população sobre a violência contra a mulher. Entretanto, um grande número de mulheres ainda sofre essa realidade pela falta de recursos ou de informação, dependência psicológica ou pelo medo do agressor.

O Centro de Assistência para Mulheres em Situação de Risco é um abrigo para vítimas de violência doméstica em situação de vulnerabilidade e seus dependentes. O Centro fornece assistência psicológica, jurídica, acolhimento e empoderamento para que essas mulheres possam se desvencilhar do ciclo de violência em que vivem, sendo retiradas do ambiente abusivo e recebendo a assistência necessária para que possam reingressar na sociedade com condições para uma nova vida, inclusive por meio de cursos de capacitação e geração de emprego e renda. É trabalhada a participação da comunidade em atividades e no processo de recuperação da vítima, trazendo o senso de acolhimento e integração necessário para o tratamento psicológico das mulheres. O envolvimento da comunidade local também tem por objetivo a conscientização da população sobre a violência doméstica e a sua prevenção, a fim de evitar novos ciclos de violências e a repetição dos existentes. Sendo assim, o Centro de Assistência para Mulheres em Situações de Risco não somente oferece assistência para as vítimas de violência como também atua na redução dos casos futuros, sendo um espaço projetado segundo os preceitos de acolhimento, que utiliza da psicologia ambiental para a humanização do espaço proporcionando conforto; segurança, através de equipamentos e espaços com visão ampla e bem iluminados; e a ciência proxêmica, que estuda as distâncias físicas definidas entre as pessoas nos diversos contextos sociais e foi usada no projeto para definir ambientes com diferentes níveis de socialização, possibilitando à mulher a escolha de interações sociais de acordo com seu estado psicológico.

Sumário

1- Introdução	5
2- Temática	7
Assistência Social	8
3- Violência Contra a mulher	9
Aspectos históricos	10
Tipos de violência	13
O ciclo da violência Doméstica	14
Políticas	16
Estatísticas	18
4 – Referências Projetuais	22
No to Violence Shelter	23
Veilige Veste	25
Casa da Mulher Brasileira	27
5- Localização	28
Análise	29
Equipamentos	31
Sistema viário	32
Entorno	33
Aspectos Naturais	35
6- Proposta	37
Perfil do usuário	38
Proposta teórico- conceitual	40
Espaços	41
Segurança	42
Conforto	43
Setorização	46
Circulação	48
Volumetria	50
7- Referências	51
8- Projeto	53

1

Introdução



Introdução

O presente trabalho tem como proposta um Centro de Assistência para Mulheres em Situação de Risco com intuito de ajudar mulheres vítimas de violência, prestando um serviço de Assistência Social que se enquadra na Proteção Social Especial de alta complexidade. Programas como esse é de suma importância para o fim do ciclo de violência que a vítima vive e para conscientização da sociedade como um todo sobre o problema que muitas vezes é normalizado devido à cultura.

A situação da vítima só poderá mudar com uma assistência especializada para tratar o estado psicológico e físico que a mulher se encontra e prepará-la para reintegrá-la a sociedade sem voltar para o ciclo de violência.

Em Goiânia, já existem instituições que acolhem e ajudam vítimas de violência doméstica, que são a Casa Abrigo Sempre Viva, de iniciativa governamental, e a CEVAM, órgão de iniciativa sem fins lucrativos. Porém, eles não são suficientes para atender a demanda e os casos só tem aumentado durante o último ano.

Esse tipo de programa não se concentra apenas no abrigo das vítimas, pois nada adiantaria apenas o acolhimento sem uma maneira de romper o ciclo da violência já que muitas mulheres voltam ao seu parceiro depois de uma agressão como resultado do ciclo da violência.

2

Temática



Assistência Social

A Assistência Social é uma política pública que oferece serviços e programas para pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade. No Brasil, ela começou por grupos de iniciativa privada, instituições religiosas e voluntários e só passou a ser considerada política pública a partir da Constituição de 1988, tornando-a um dever do Estado e um direito de todo cidadão. Em 1993, foi aprovada a Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS), enfatizando o atendimento das necessidades básicas de pessoas em estado de vulnerabilidade com ações de iniciativa pública. Desdobra-se, então, ações e projetos voltados à melhoria das condições dessa população, em sua maioria, inviabilizada na sociedade.

O Sistema Único de Assistência Social (SUAS) é um sistema público descentralizado, responsável pela gestão das políticas de assistência social e monitoramento dos serviços sociais previstos no LOAS. Seu objetivo é garantir que pessoas com seus direitos violados tenham acesso a serviços básicos de proteção e assistência. O sistema é coordenado pelo Ministério de Desenvolvimento Social, atuando com a gestão do poder público e sociedade civil e recebendo financiamento da instância municipal, estadual e federal.

Em Goiânia, a Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS) é responsável

pela execução da Política de Assistência Social. A SUAS divide o serviço realizado em dois tipos de proteção social (figura 1): a primeira é chamada de Proteção Social Básica (PSB) que consiste na prevenção de situações de risco e destina-se à população que vive em situação de fragilidade decorrente da pobreza, ausência de renda, acesso precário ou nulo aos serviços públicos ou fragilização de vínculos afetivos (discriminações etárias, étnicas, de gênero ou por deficiências, dentre outras); a segunda é a Proteção Social Especial para indivíduos, famílias ou comunidade que já encontram-se em situações de vulnerabilidade como casos de abandono, abusos físicos, psicológicos e sexuais, uso de drogas, entre outros. Esse segundo atendimento se divide em duas categorias de acordo com o nível de complexidade. No caso de de média complexidade, os direitos do indivíduo são violados geralmente no núcleo familiar, mas a convivência com a família é mantida. Já na situação de alta complexidade, é oferecido atendimento às famílias ou indivíduos que se encontram em situação de abandono, ameaça ou violação de direitos e necessitam de acolhimento provisório, fora de seu núcleo familiar de origem. O tema escolhido nesse TCC se encaixa nesse último caso, ou seja, na Proteção Social Especial de alta complexidade, pois oferece acolhimento e assistência para as vítimas de violência doméstica.



Figura 1- Organização do SUAS
Fonte: Ministério do Desenvolvimento Social

3

Violência contra a mulher



Aspectos históricos

A violência contra a mulher tem um forte vínculo com os papéis sociais de gênero e sua relação de poder que surgiram ao longo da história da humanidade. Para entender a origem desse problema, é necessário analisar a construção social que foi desenvolvida nas civilizações ocidentais, conseqüentemente, sobre alguns aspectos atuais da sociedade (PINAFI, 2007).

Na pré-história, a habilidade de gerar uma vida fazia com que a mulher tivesse prestígio e influência na sociedade, principalmente porque o homem desconhecia o seu papel na reprodução. Sendo assim, as sociedades nômades eram matriarcais. Porém, o cenário se alterou assim que o homem se instalou permanentemente em um único lugar e a ideia de propriedade começou a tomar forma. Segundo Leite (1994), após o desenvolvimento da agricultura, o homem descobriu que também participava do processo reprodutivo e a mulher passou a ser considerada uma posse, dando origem às primeiras sociedades patriarcais. Segundo Joan Scott (1995, p.75), “[...] o patriarcado é uma forma de organização social onde suas relações são regidas por dois princípios basilares: as mulheres são hierarquicamente subordinadas aos homens, e os jovens estão subordinados aos homens mais velhos, patriarcas da comunidade [...]”.

Na Grécia e Roma, culturas que começaram a discutir direitos para aqueles considerados cidadãos, as mulheres eram excluídas no âmbito social, político e jurídico, ocupando o mesmo nível reservado para escravos e crianças, ou seja, os únicos que tinham direitos e, portanto, o poder eram homens. Assim, a estrutura familiar foi moldada com a figura masculina centralizada e a feminina em uma posição subordinada ao seu marido em várias culturas. Muitas religiões ajudaram na manutenção e na difusão dessa imagem de uma mulher submissa e de uma sociedade patriarcal. Vista como objeto e, até mesmo, submissa ao homem, o abuso e violência contra as mulheres se confundem com a própria gênese do patriarcado.

No século XIX, o sistema capitalista de produção levou muitas mulheres às fábricas. As condições de trabalho e a diferença salarial entre os gêneros levaram a vários questionamentos sobre a estrutura social, o que incitou o movimento feminista. Durante os anos, a luta por igualdade e direitos das mulheres trouxe visibilidade para os problemas causados pela relação de poder entre gêneros, entre eles, a violência contra a mulher. Foi o movimento feminista que trouxe voz às vítimas dos abusos naturalizados por uma cultura patriarcal.

Como visto, a violência contra mulher está estritamente ligada a como ela é tratada ao longo da história da humanidade, de maneira submissa e, em muitos pontos, considerada uma propriedade. A formação da sociedade carrega consigo o machismo enraizado, consistindo em parte de suas características culturais e tradição. Alguns abusos e condições vivenciados por mulheres eram vistos como normais perante à comunidade devido a essa construção de gêneros e seus respectivos papéis. Muitas atitudes abusivas eram enfrentadas em silêncio pelas vítimas por não ter a quem recorrer. A justiça legalizava várias dessas situações e muitos assassinatos de mulheres no Brasil saíram impunes sob o argumento de legítima defesa da honra.

As manifestações feministas em várias partes do mundo (figura 2) deram voz às mulheres que puderam falar em igualdade de gênero, sobre o machismo presente na sociedade e a violência sofrida pelas mulheres na maioria das vezes dentro de casa. Movimentos como esses levaram a conquista de vários direitos (figura3) como o direito ao voto, em 1932, e a criação de várias iniciativas de proteção e assistência para vítimas de violência doméstica como o SOS mulher, que surgiu no Rio de Janeiro, em 1981, e logo se espalhou para outras capitais do país.



O Estado também aderiu e reconheceu a legitimidade da luta feminista com a implementação do Conselho Estadual da Condição Feminina, em 1983, e a ratificação da Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW) em 1984, no qual o país se comprometeu a reprimir a todas as formas de violência de gênero e a adotar políticas para prevenir, punir e erradicá-la. Em 1985, foi criada a primeira Delegacia de Defesa da Mulher, dando maior visibilidade para o problema e favorecendo a conscientização da população sobre esse tipo de violência.

Em 2006, foi sancionada a Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006), um importante marco jurídico de luta contra a violência da mulher. Dentro de suas medidas protetivas, a lei determina o acolhimento de mulheres e seus dependentes em caso de risco além de serviços de saúde, proteção, judiciais e sociais, garantindo seus Direitos Humanos.



Figura 3 – Direitos conquistados pelas mulheres durante os anos

Aspectos históricos- Goiás

Em Goiás, o desenvolvimento que a agropecuária tinha em 1980 contribuiu para o fortalecimento da cultura patriarcal no estado. Em Goiânia, o movimento feminista ganhou forma durante essa década, o que levou a criação de três entidades feministas destinadas a serem espaços sociais para denúncias de situações de opressão ou violência contra mulheres: o Grupo Feminista de Estudos, o Grupo Eva de Novo e o Centro de Valorização da Mulher (CEVAM).

O Centro de Valorização da Mulher (Cevam) surgiu, em 1981, como consequência do assassinato de Eliane Gramont pelo seu ex-marido Lindomar Castilho, o que trouxe revolta aos grupos feministas que decidiram fundar uma organização a qual atuasse na luta contra a violência doméstica, discriminação e preconceito de gênero.

O CEVAM garante assistência social, psicológica e jurídica para mulheres e seus dependentes em situação de vulnerabilidade, mas hoje enfrenta problemas financeiros e de lotação.

Tipos de violência

A violência pode assumir diferentes características, desde o abuso físico até o psicológico, deixando marcas visíveis e invisíveis que podem durar anos. Reconhecer os diferentes tipos de violência é fundamental para a conscientização da mulher, que muitas vezes não percebe a relação abusiva que está inserida, mas também o tratamento e a recuperação das vítimas.



Violência Física – Qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal

Violência Psicológica – Ações que levam a danos emocionais e psicológicos utilizando de meios como manipulação, ameaças, humilhações, controle, entre outros.



Violência patrimonial- Entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

Violência sexual – Qualquer relação sexual sem o consentimento de uma das partes. Impedir que a mulher use qualquer método contraceptivo ou forçar o aborto, anular os direitos sexuais e reprodutivos também é considerado violência sexual.



Violência moral - Qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

O ciclo da violência doméstica

Dentro da sociedade atual, tem-se a ideia de que os problemas em um relacionamento conjugal ou em uma família devem ser resolvidos de maneira privada e silenciosa, somente entre as partes envolvidas. Frases como “ em briga de marido e mulher não se mete a colher” só mostram como essa privacidade da vida doméstica é enaltecida, revelando o enraizamento cultural do problema. Denunciar o agressor se torna, então, uma situação complicada devido ao julgamento imposto pela sociedade, ao papel criado da esposa que deve ser submissa ao seu marido e a fatores como filhos, situação financeira, entre outros. A violência doméstica traz um ciclo de violência que tende a se repetir, deixando cada vez mais difícil a saída de uma situação abusiva, que muitas vezes, acabam em morte.

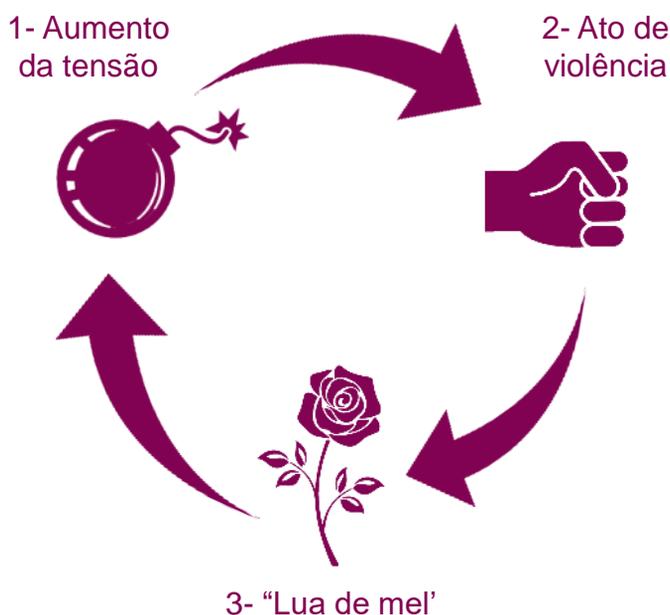


Figura 4– Ciclo da violência doméstica
Fonte: Instituto Maria da Penha

Pode-se definir esse ciclo em três etapas (figura 4). Em um primeiro momento, o companheiro desempenha um papel agressivo e de fácil irritabilidade, deixando a vítima em um estado de ansiedade, medo e angústia. Porém nessa situação, ela justifica o comportamento agressivo do sujeito e se sente culpada pela atitude do indivíduo, então tenta agradá-lo a todo momento para evitar situações de ira. Esse período pode durar dias ou anos. Os episódios vão ficando mais frequentes com o tempo.

A segunda situação vem com o aumento da tensão deixado pelo primeiro cenário e culmina na falta de controle do agressor que leva ao ato de violência física, psicológica, verbal ou outra forma. Essa fase leva a uma distanciamento da vítima do agressor, pois ela se sente ansiosa, amedrontada, depressiva e envergonhada de estar naquela situação. É nessa fase que é comum a vítima pedir ajuda da polícia, de familiares e amigos ou se isolar, recorrendo para métodos destrutivos como a mutilação ou o suicídio. Tem-se um agravamento do seu estado psicológico e necessidade de apoio.

A terceira fase se caracteriza pelo arrependimento do agressor. Ele pode mudar suas atitudes de violentas para amorosas, no intuito de reconciliar-se com a vítima. A mulher se sente coibida a voltar pela promessa de mudança, pressão da sociedade ou, se for o caso, pelos filhos. Esse é um momento que o laço afetivo entre os dois será reforçado, pois há sim uma mudança por um certo período de tempo. Deve-se deixar claro que um relacionamento abusivo não é construído somente com momentos ruins, mas há boas lembranças que, nessa situação, começam a falar mais alto que os abusos sofridos. As queixas são retiradas e ela tende a perdoar e voltar para a casa do agressor. Infelizmente, a tendência é do ciclo se repetir.

Esse ciclo só poderá ser rompido quando a vítima for afastada dessa situação de violência e do poder do agressor, garantindo sua segurança e recuperação psicológica. Os ciclos de violência infligidos por pessoas próximas causam quadros psicológicos de dependência que prendem a vítima nessa situação. Sem o tratamento psicológico adequado, as chances da mulher voltar para esse relacionamento abusivo ou iniciar um novo são altas. Além dos aspectos psicológicos, há um grande número de mulheres que são financeiramente dependentes de seus companheiros e necessitam de assistência para que possam se sustentar quando voltarem para a sociedade e não voltar para o ciclo de violência.

Políticas

A Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres foi elaborada pela Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), fundada em 2003, e tem por objetivo estabelecer diretrizes para a prevenção, combate à violência doméstica, assistência e garantia de direitos. Essa política se divide em duas frentes de atuação: a Rede de Enfrentamento e a Rede de Atendimento. A criação dessas redes foi uma forma de resolver o isolamento dos serviços e à desarticulação entre os diversos níveis, através de uma ação coordenada de diferentes áreas governamentais, com o apoio e monitoramento de organizações não-governamentais e da sociedade civil.

Rede de Enfrentamento - Sua proposta consiste em enfrentar a violência em todas as suas expressões através do combate a desigualdade e discriminação de gênero, da interferência nos padrões sexistas existentes e do empoderamento das mulheres.

Rede de Atendimento - Atua visando atender as mulheres vítimas de violência e desenvolver estratégias de prevenção. Ela é composta por serviços de assistência, saúde e jurídico.

Inserido da Rede de Atendimento se encontra alguns serviços que são importantes na assistência de mulheres em estado de vulnerabilidade, tais como:

- **Centros Especializado de Atendimento à Mulher**- Que prestam serviço de acolhimento, atendimento psicológico, assistência social e jurídica a vítima.
- **Casas-Abrigo** – Oferece moradia por um tempo de 90 a 180 dias para mulheres em risco de morte e toda a assistência necessária para que elas possam voltar a sociedade.
- **Casas de Acolhimento Provisório** – Abrigo temporário de até 15 dias com atendimento médico e psicológico para as vítimas.
- **Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAMs)** – Delegacias especializadas para realizar o atendimento de mulheres vítimas de violência.
- **Casa da Mulher Brasileira** – Abrange vários serviços especializados em um só lugar como a delegacia, acolhimento, atendimento psicológico e social, Juizado, autonomia econômica, alojamento de passagem, Ministério Público e Defensoria Pública

A Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS) é responsável pela assistência social no estado de Goiás. No caso da assistência voltada para mulheres em estado de vulnerabilidade, o atendimento se enquadra na Proteção Social Especial (PSE) e é realizado pelo Centro de Referência Especializada de Assistência Social (CREAS) que é um equipamento público, responsável por oferecer serviços a indivíduos e famílias em situação de vulnerabilidade.

O CREAS encaminha mulheres vítimas de violência para outro equipamento, dependendo da situação em que se encontram (figura 5). Um desses equipamentos é a Casa-Abrigo, que acolhe mulheres e seus dependentes por um período mais longo e oferece assistência social, psicológica, jurídica.

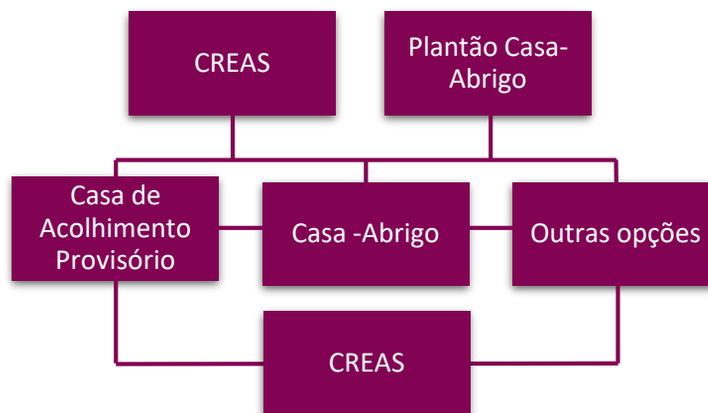


Figura 5- Fluxo de abrigamento

Fonte: Diretrizes Nacionais para o Abrigamento de Mulheres em Situação de Risco e de Violência editado pela autora

O Conselho Estadual da Mulher de Goiás – CONEM faz parte das entidades estatais de combate a violência, articulando no âmbito do Poder Executivo e da sociedade civil, a implementação de políticas públicas de atenção à mulher em diversos aspectos de sua vida.

A Patrulha Maria da Penha é um serviço de auxílio que consiste em 22 patrulhas compostas por três policiais militares, na sua maioria mulheres, trabalhando exclusivamente em casos de violência contra mulher. Essa iniciativa governamental atende toda a Região metropolitana de Goiânia e outras cidades em conjunto com as Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAMs). O objetivo desse projeto é o conforto da vítima pela presença de policiais mulheres e o senso de comunidade que é exaltado nesse programa.

Estatísticas Brasil

A Lei Nº 13.104 (BRASIL, 2015), também conhecida como a Lei do Femicídio, foi importante na conscientização sobre como milhares de brasileiras morriam por violência doméstica ou pela simples condição de serem mulheres. O Brasil ocupava, em 2016, o 5º lugar no ranking mundial de Femicídio de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2016). Segundo os dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2019), os feminicídios correspondem a 29,6% dos homicídios dolosos de mulheres em 2018, tendo um aumento de 62,7% desde que a Lei entrou em vigor até o ano em questão (tabela 1).

Legislações como a Lei do Femicídio e a Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006), destinada a proteção da mulher contra a violência doméstica e familiar, foram também utilizadas como instrumentos importantes para a conscientização da população sobre a violência contra a mulher e suas proporções na sociedade atual, o que contribuiu para a visibilidade das políticas de assistência voltadas para as vítimas e os programas de prevenção.

2018	Homicídios	Feminicídios	Lesão corporal – Violência Doméstica
Brasil	4107	1075	263.067
Goiás	173	36	2.976

Tabela 1- Número de homicídios, feminicídios e lesões corporais em 2018
Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2019

Com base nos dados levantados pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019), a maioria dos casos (88,8%) de feminicídio tem como autor o companheiro ou ex-companheiro.

Estatísticas Goiás

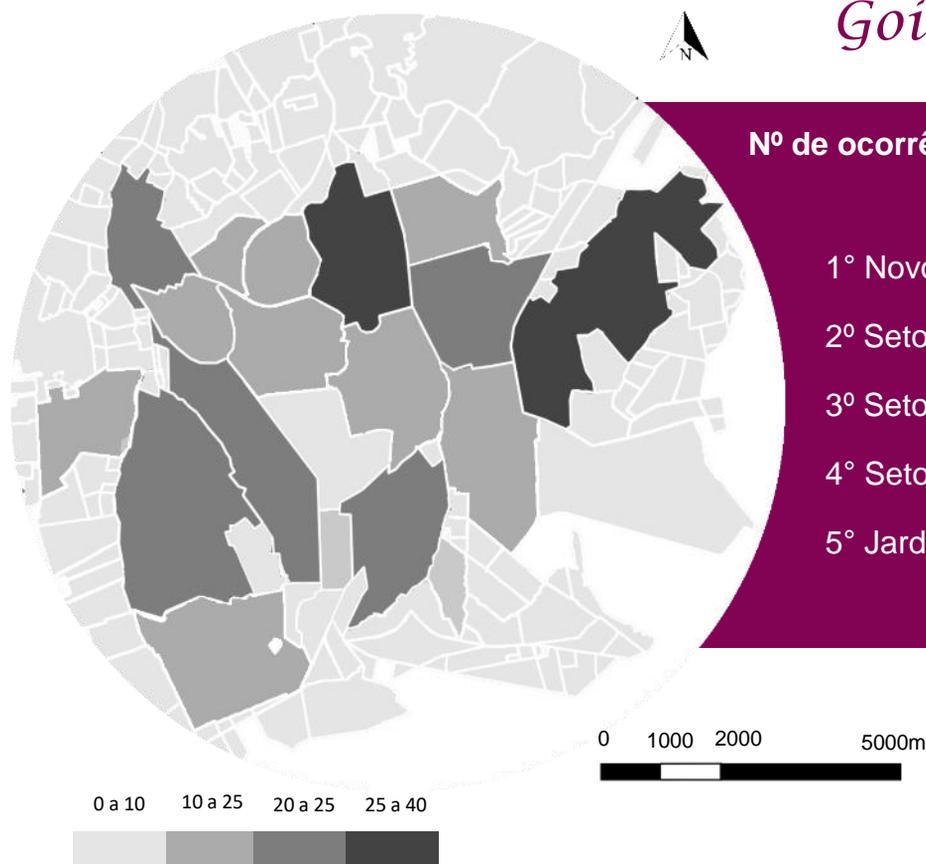
Em Goiás, percebe-se o aumento de ocorrências de 2018 para 2019 de acordo com a Secretaria de Segurança Pública do Estado de Goiás (2020), principalmente da violência física que quadruplicou (tabela 2). Devido a movimentos de conscientização e um maior amparo pela lei e o Estado às vítimas, o número de mulheres que recorrem à polícia tem aumentado consideravelmente. Infelizmente, o número real de casos de violência é bem maior do que os oficialmente notificados, já que situações de violência doméstica tendem a ser silenciadas, muitas vezes, pela própria vítima.

Naturezas	2018	2019
Feminicídio	36	40
Estupro	713	781
Ameaça	6.454	15.599
Lesão corporal	2.976	10.497
Crimes contra a honra	4.569	9.442

Tabela 2 -Número de ocorrências de acordo com a sua natureza em 2018 e 2019
Fonte: Secretaria de Segurança Pública do Estado de Goiás

É importante dizer que esses números são de ocorrências registradas. Há um alto número de mulheres que não denunciam mesmo tendo plena consciência da situação que está vivendo. O medo, o julgamento que a sociedade ainda impõe à vítima, a dependência financeira, os filhos e, na maior parte das vezes, o quadro psicológico infligido pelo agressor de que a responsável pela violência é a própria vítima, deixam a mulher presa em um ciclo de agressão sem fim. Esses fatores variam dependendo da classe social, o nível de escolaridade e a conscientização da vítima em relação a situação, mas não determinam qual mulher vai sofrer violência, podendo acontecer com qualquer uma simplesmente pelo seu gênero, independente do seu contexto.

Estatísticas Goiânia



Nº de ocorrências de violência contra a mulher

1º Novo Mundo	36
2º Setor Central	27
3º Setor Bueno	21
4º Setor Pedro Ludovico	21
5º Jardim América	17

Figura 6 : Nº de ocorrências de violência contra a mulher.
Fonte: SPM,2018

Segundo o levantamento, o número de ocorrências registradas por bairro de Goiânia, entre os meses de Janeiro a Junho de 2018, revela os locais de maior concentração dos casos denunciados (figura 6). O Setor Jardim Novo Mundo tem o maior número de ocorrências registradas (36), seguido pelo Setor Central (27), e logo depois o Setor Bueno (21), o Setor Pedro Ludovico (21) e o Jardim América(17).

Percebe-se a proximidade dos setores e a concentração da violência nessa região central de Goiânia, quando observa-se a distribuição espacial, reforçando a necessidade de assistência destinada à comunidade que reside nessa área, na sua maioria, composta por pessoas em situação de vulnerabilidade.

Em Goiânia, a 1ª Delegacia Especializada de Atendimento a Mulher, localizada no Setor Central, registrou apenas no primeiro semestre de 2019 (janeiro a julho) 3060 ocorrências. Existem dois equipamentos de acolhimento para mulheres vítimas de violência na capital e ambos somente em 2019 abrigaram 92 mulheres e seus dependentes.

Em Goiânia, existem equipamentos governamentais e autônomos que oferecem serviços para auxiliar vítimas de violência doméstica a romper esse ciclo.

Centro de Referência Cora Coralina (CRCC): o espaço disponibiliza atendimento psicológico, social e jurídico às mulheres.

Casa - Abrigo Sempre Viva: Oferece acolhimento e assistência a mulheres por até 180 dias.

Centro de Valorização da Mulher (CEVAM): Fornece abrigo, assistência e auxílio para mulheres e crianças vítimas da Violência Doméstica.

Centro Popular das Mulheres (CPM): Entidade sem fins lucrativos e apartidária que tem como objetivo articular, organizar e unificar as mulheres na luta pela sua emancipação.

Existem dois equipamentos de acolhimento para mulheres vítimas de violência na capital (tabela 3). Ambos em sua capacidade máxima em 5 anos se a violência continuar se multiplicando. Como o objetivo é radicar a violência da sociedade, esses programas têm que ser acompanhados por propostas de prevenção.

Abrigo	Capacidade	2019
Casa-Abrigo Sempre Viva	50 pessoas	50 pessoas
CEVAM	70 pessoas	42 pessoas

Tabela 3 – Capacidade das Casas de Apoio de Goiânia

O número de pessoas que o Centro de Assistência para Mulheres em Situação de Risco acolherá será de 50 pessoas, por ser um serviço voltado para a comunidade local onde está inserido, trazendo um senso de sociedade essencial no tratamento das vítimas. Por ser um atendimento local, essa proposta também poderá ser replicada em outros bairros futuramente, sempre trabalhando na escala da comunidade local.

Centro de Assistência para Mulheres em Situação de Risco

- Capacidade: 50 pessoas
- Mulheres: 25
- Dependentes: 15
- Funcionários: 10



4

Referências projetuais





Figura 7 – Abrigo No to Violence
Foto: Amos Goldreich

No to Violence Shelter

- Arquitetos: Amos Goldreich Architecture e Jacobs-Yaniv Architects
- Localização: Israel
- Área do terreno: 1600 m²
- Área construída: 800 m²
- Ano do projeto: 2015
- Ano de construção: 2018

Esse abrigo é um dos poucos de Israel que foi construído com função já definida. A maioria dos abrigos desse país são localizados em edifícios já existentes que tinham outros usos originais. A maioria desses abrigos tem problemas de acessibilidade e segurança, sem contar que estão lotados. Esse abrigo se diferencia dos demais porque foi projetado com a consulta dos funcionários que ali trabalharão e que já tem experiência na área.

Ele está localizado em uma área residencial tranquila. A área foi escolhida devido a comunidade local, as escolas, lojas, parques e outros equipamentos importantes de administração e saúde.



Figura 8 – Abrigo No to Violence
Foto: Amos Goldreich



Figura 9 – Abrigo No to Violence
Foto: Amos Goldreich



Figura 12- Veilige Veste
foto: Gerard van Beek Fotografie

Veilige Veste

- Arquitetos: KAM
- Localização: Leeuwarden, The Netherlands
- Área construída: 1600 m²
- Ano de construção: 2012

Esse edifício era uma delegacia localizada no centro da cidade, convertida em um abrigo para mulheres de 15 a 23 anos vítimas de tráfico humano e abusos. Um dos diferenciais desse abrigo é que ele não mantém em sigilo sua localização, até porque na era digital que a sociedade vive atualmente é cada vez mais

difícil manter lugares em segredo.

Os arquitetos usaram da localização e da forma chamativa da fachada para expressar uma mensagem de segurança e coragem, as vítimas não precisam mais fugir e podem reconstruir suas vidas em segurança.

A fachada é desenhada para se assemelhar um diamante, tanto pela cor e os cortes. A ideia de fortaleza é trazida novamente para o contexto do abrigo, pela forma rígida que ele assume.



Figura 13 e 14- Veilige Veste
foto: Gerard van Beek Fotografie

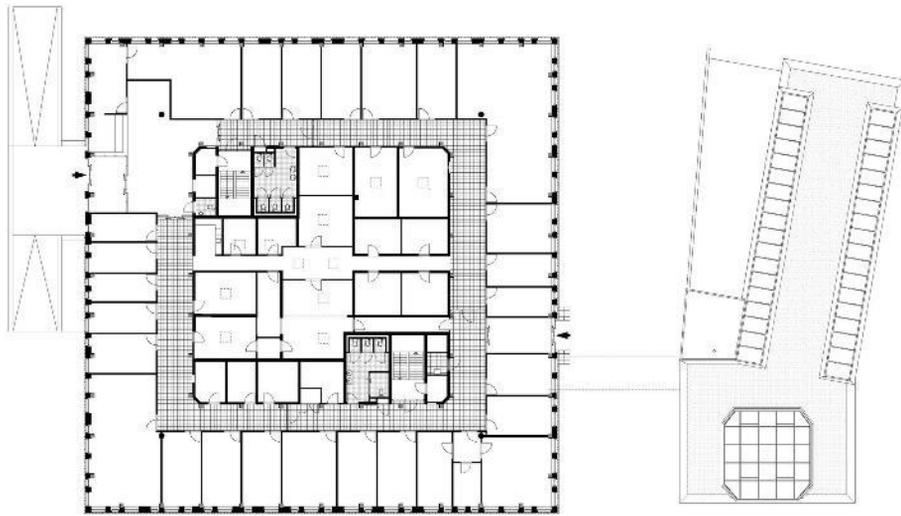


Figura 15– Planta 1 pavimento

Os edifícios contêm um pátio interno de grande importância no projeto, pois é um lugar onde as mulheres podem relaxar, interagir uma com as outras e aproveitar um pouco do exterior sem correrem perigo.

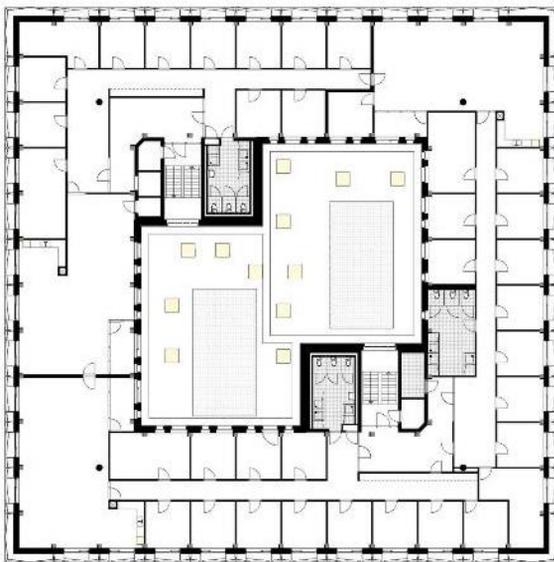


Figura 16– Planta 2 pavimento

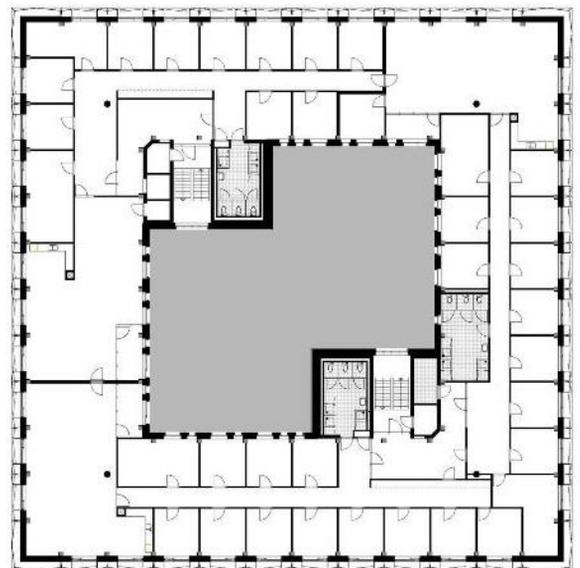


Figura 17– Planta 3 pavimento

A arquitetura fechada em si como uma fortaleza está novamente presente no projeto, dessa vez com uma arquitetura com formas que saem da fachada tornando-a rígida, mas ainda apresenta um número considerável de aberturas, o que suaviza um pouco da sua forma.

Ao contrário da proposta comum dos abrigos, esse chama a atenção do observador, mas mesmo com a sua arquitetura marcante ainda consegue transmitir uma sensação de segurança que é bastante importante para o tratamento das vítimas.



Figura 18- Casa da Mulher Brasileira
Foto: ARCOweb

Casa da mulher brasileira

A casa da mulher brasileira tem intenção de auxiliar mulheres que foram vítimas de agressão fornecendo serviços na área da saúde, Justiça, assistência social e segurança pública como também formas de conseguir autonomia financeira .

A unidade conta com um pátio interno para convivência e em volta se encontra as atividades. Diferente de outros abrigos, a divisão interna é feita diferente, dessa vez não por escalas de privacidade, mas pelas funções que serão realizadas.

- **Arquitetos:** Marcelo Pontes, Raul Holfiger, e Valéria Laval.
- **Localização:** Campo Grande

O número de programas que é oferecido na Casa da Mulher Brasileira oferece o total apoio que a vítima precisará para reingressar na sociedade. Ao contrário de outros abrigos, sua localização não é sigilosa



Figura 19 – Casa da Mulher Brasileira
Foto: MDH

5

Localização



Análise

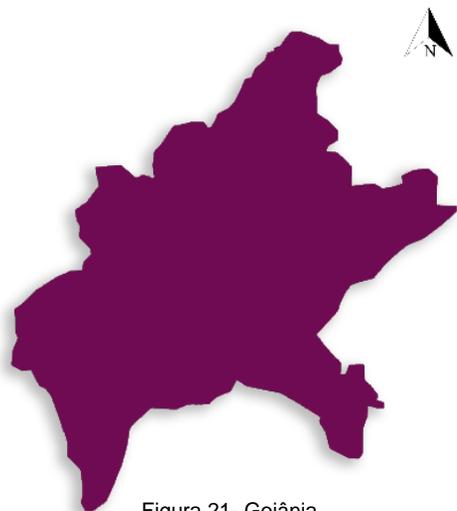


Figura 21- Goiás

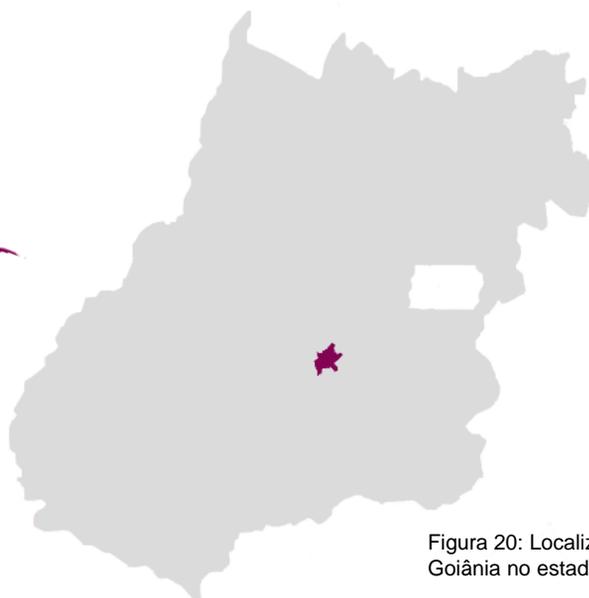


Figura 20: Localização de Goiânia no estado de Goiás



Figura 22: Pontos referenciais

-  Programas de Assistência à Mulheres
-  DEAM - Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi escolhida a cidade de Goiânia, capital do estado de Goiás. É uma cidade com altos índices de casos de violência doméstica. Considerou-se a região Central para desenvolvimento da proposta, tendo em vista a concentração de casos no centro e bairros vizinhos, a sua acessibilidade e a proximidade da Secretaria Municipal de Políticas Para Mulheres- SMPM Casa Cora Coralina, onde acontece a triagem das mulheres para o acolhimento e a Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher.

Essa região da cidade se caracteriza pela presença de equipamentos importantes para a história e cultura de Goiânia, pois o Setor Central foi o primeiro bairro da capital, contendo quatro avenidas relevantes na locomoção urbana, que são: a Avenida Anhanguera, a Avenida Tocantins, a Avenida Goiás e a Avenida Araguaia.

A área central de Goiânia apresenta o maior número de casos de violência doméstica e mulheres em situação de vulnerabilidade. O Centro de Assistência seria voltado para as vítimas dessa área para que possam ser tratadas com o apoio da sua comunidade local.

A questão da localização de abrigos e seu sigilo tem sido tema de discussão durante os últimos anos, pois na maior parte dos casos, o isolamento da vítima e a sua retirada da comunidade onde estava inserida acaba prejudicando o seu tratamento. Sentir acolhida pela comunidade e segura sem o sentimento de aprisionamento é essencial.

Sendo assim, a proposta tem como objetivo atender essa região central, exaltando a assistência da comunidade para o tratamento de vítimas de violência doméstica e sua reintegração na sociedade com a possibilidade da construção de outros centros para o atendimento de comunidades locais de áreas afastadas de Goiânia.

Equipamentos



Figura 23 - Equipamentos

A área escolhida se localiza no Setor Aeroporto, na Avenida Paraíba com a Rua 2-A, na Quadra 4-A e lotes 1/2/12/13. O Setor Aeroporto está entre o Setor Central, Setor Oeste e Setor dos Funcionários. Os bairros que fazem divisa e o setor escolhido contam com vários equipamentos importantes de administração, justiça, prestação de serviço e culturais, como também parques. Para o atendimento a mulheres, encontram-se dois nas proximidades.

Para a escolha do local, considerou-se a acessibilidade, os equipamentos disponíveis e a segurança, aspectos relevantes para a proposta, pois a mulher precisa se sentir segura e ao mesmo tempo confortável. A centralidade do bairro é um fator favorável para locomoção e acessibilidade.

A proximidade a outros equipamentos de assistência a mulher, como a Casa Cora Coralina, no mesmo setor, e a DEAM, no Setor Central, também foi considerado e pode ajudar na sensação de segurança, necessário ao tratamento das vítimas.

Sistema Viário



Figura 24- Sistema viário

Av. Anhanguera
001

Av. Tocantins
016 167

Av. Dr. Ismerino
052 164 605

Av. Paranaíba
008 013 016
017 035 052
164 167 168
170 180 193
225 270 277
405 605 611
935

Legenda

- Vias Arteriais de Primeira Categoria
- Vias Coletoras
- Vias Arteriais de Segunda Categorias
- - Rotas de ônibus
-  Ponto de ônibus
- Terreno

Nesse mapa, pode-se ver os pontos de ônibus e as rotas que passam pelas ruas próximas do local escolhido. Como dito, a centralidade do setor é um importante fator para a acessibilidade. Há várias rotas de ônibus passando pela região e a proximidade da Avenida Paranaíba, Tocantins e Anhanguera ajudam no acesso ao lote.

A Avenida Paranaíba passa em frente ao terreno, facilitando o acesso por veículos, enquanto a Anhanguera está também a 1 quarteirão abaixo. Não há um ponto de ônibus que desça logo no lote, porém há um próximo na Avenida Douto Ismerino Soares e os das avenidas nas proximidades.

Cheios e Vazios

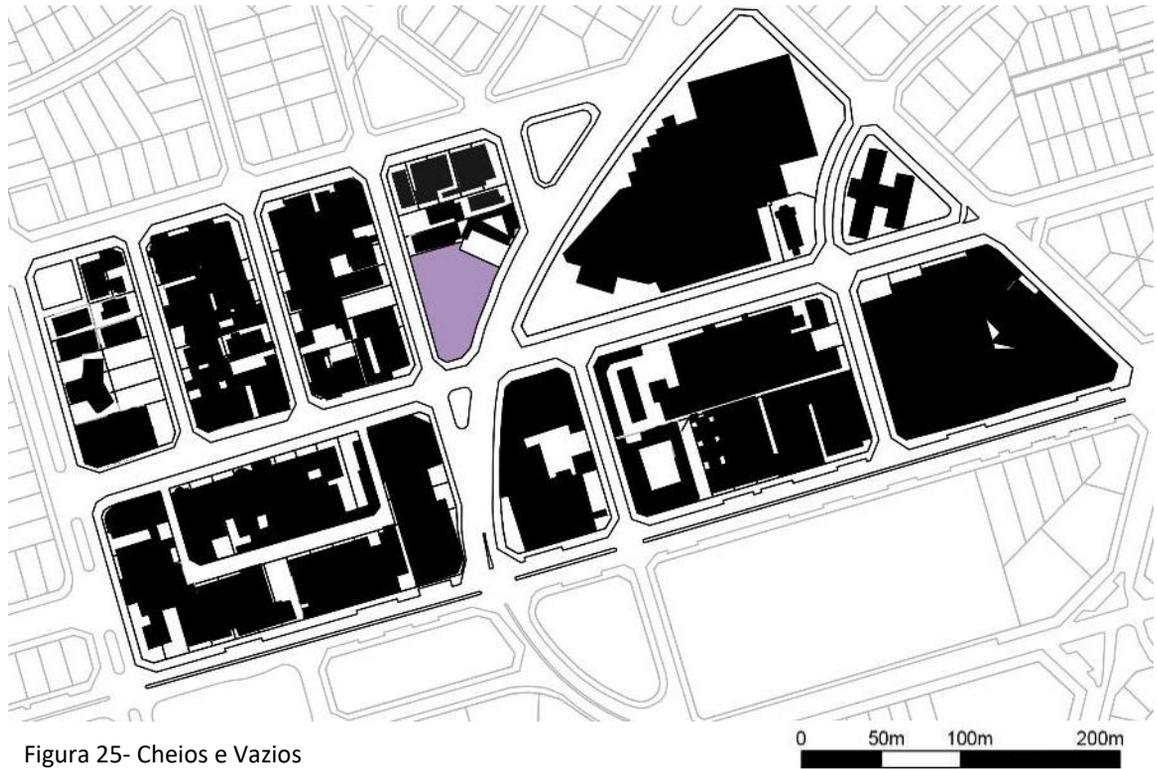


Figura 25- Cheios e Vazios

Gabarito



Figura 26- Gabarito

Legenda

 1 Pavimento	 3 a 4 Pavimentos	 Estacionamento e vazio urbano	 Terreno
 2 Pavimentos	 5 a 12 Pavimentos	 Área verde	 Lote adicionado

Uso do solo



Legenda

 Comércio	 Institucional	 Residencial	 Serviço	 Terreno	 Praças
 Estacionamento	 Misto	 Saúde	 Segurança	 Vazio	 Cultural
 Lote adicionado					

Figura 27- Gabarito

Mapa 9 – Uso do solo

As quadras próximas ao terreno mostram edifícios baixos com predominância de construções em dois pavimentos. A ocupação das áreas é extensa, apresentando alguns lotes vagos.

Há uma predominância de comércio em relação aos usos apresentados na região. A maioria são voltados para a venda de veículos. O número de hospitais e clínicas são altos. Próximo à Avenida Anhanguera, o número de estacionamentos aumenta, caracterizando um espaço mais degradado.

Um dos motivos que levou a escolha do terreno foi a proposta de revitalização dos bairros centrais. Há muitos edifícios pouco cuidados ou completamente abandonados e o comércio voltado só para um propósito pode afetar a movimentação de pessoas, principalmente em horários em que esses estabelecimentos estão fechados. Nas quadras estudadas perto da Avenida Tocantins, esse problema não é notado,

pois há uma variação de atividades, como o hospital, a delegacia, o Centro de Convenções, os supermercados e lojas na Anhanguera. Porém, quando se observa as quadras a oeste, percebe-se esse comércio.

Propor novos usos a esses lugares e aos lotes vazios ou edifícios abandonados pode dinamizar o centro, atraindo mais pessoas em diferentes horários e atendendo aos moradores que ainda residem nessa região. Em relação ao entorno imediato da quadra, edifícios residenciais e clínicas aparecem em maior quantidade. A leste, há o Centro de Convenções de Goiânia, e uma igreja Católica e a sul, um estacionamento.

Foi adicionado dois lotes vizinhos ao terreno original. O terreno da direita na avenida é um estacionamento enquanto da esquerda, na rua 4 é uma residência de apenas um pavimento.

De acordo com a Lei Complementar nº 171 do Plano Diretor, a área é adensável, incentivando uma maior densidade devido a rede viária de transporte.

Parâmetros Urbanísticos – Afastamentos

Altura da Edificação Medida pela laje de cobertura do pavimento	AFASTAMENTOS		
	Lateral (m)	Fundo (m)	Frente (m)
3,00	-	-	5,00
6,00	-	-	5,00
9,00	2,00	2,00	5,00
12,00	3,00	3,00	5,00

Figura 28 – Parâmetros Urbanos – Afastamentos
Fonte: Plano Diretor de Goiânia 2008

Conforme o Art. 101 do Plano Diretor de Goiânia 2008, o grau de incomodidade no qual a proposta se insere é o grau de incomodidade 1, pois é uma atividade que não causa incômodo e nem impacto significativo ao ambiente, à estrutura e à infraestrutura urbana.

Analisando a categoria das vias entorno do terreno com base no Anexo I da Lei nº 8.617, de 09 de janeiro de 2008, é possível a implantação do edifício na área desejada.

Via	Categoria	Uso permitido
Avenida Paraíba	Via Arterial 1ª categoria pista dupla	Todos, exceto GI-4, GI-5
Rua 2-A	Via coletora	Todos, exceto GI-4 e GI-5

Tabela 4 – Categoria de vias

Conforme a Lei Complementar nº 171, de 29 de maio de 2007 o índice de ocupação máxima para edifícios acima de 6 metros de altura é de 50%. No artigo 128-A da mesma lei, o índice paisagístico mínimo é de 15% da área do terreno, garantindo 5% de cobertura vegetal em solo natural.

Aspectos Naturais

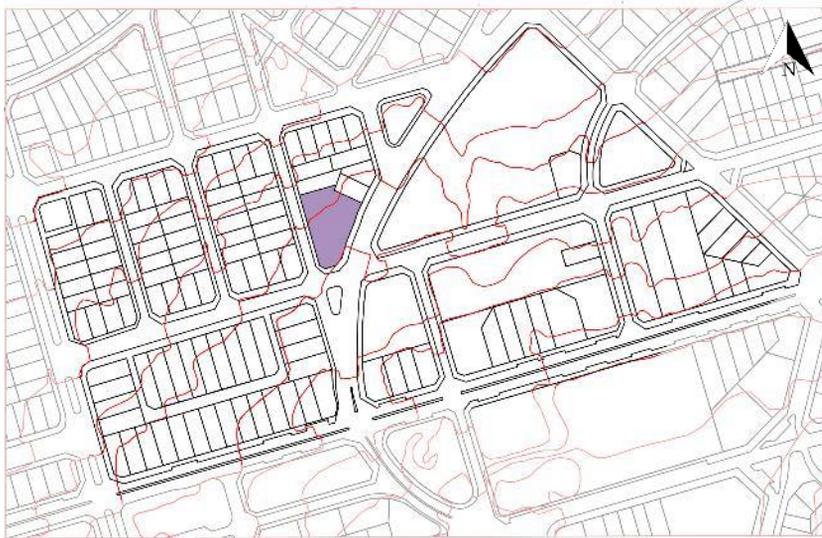


Figura 29- Aspectos naturais do entorno

Em relação aos aspectos naturais, o terreno tem uma declividade de aproximadamente 2 metros (2%) e suas faces estão voltadas para o Oeste, Sul e Sudeste. Os ventos predominantes variam nos períodos secos e chuvosos, mas se consiste em sudeste no seco e nordeste no chuvoso.

A fachada oeste tem a pior isolamento. Na esquina, há um prédio com 4 pavimentos que pode prejudicar a privacidade.

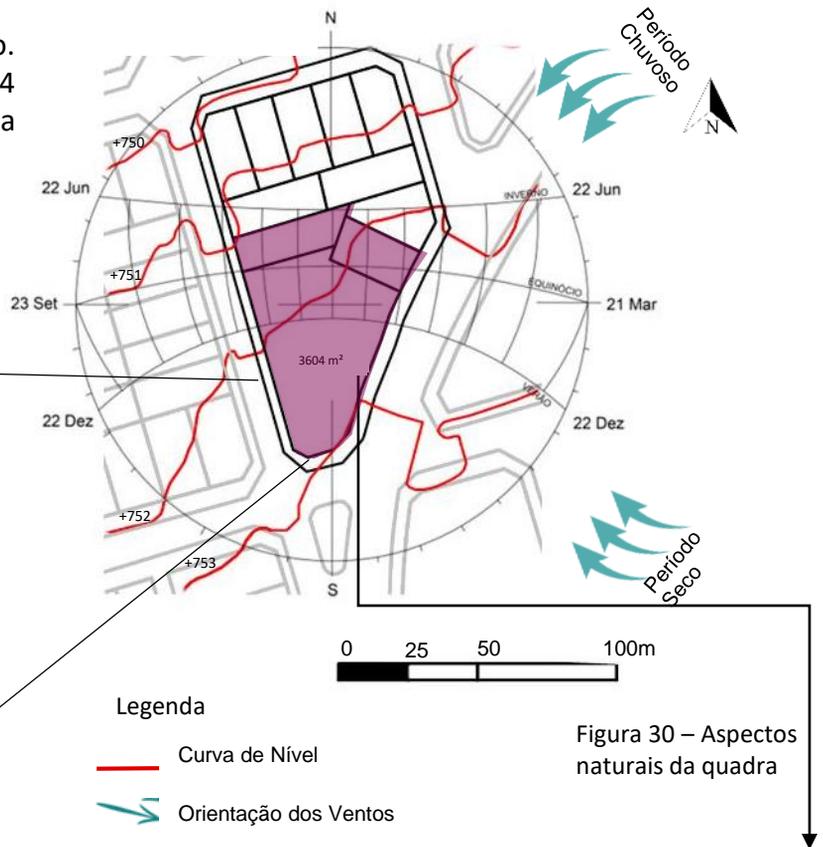


Figura 30 – Aspectos naturais da quadra

A avenida é mais movimentada e, portanto, a que causa maior ruído. Aposentos que requerem tranquilidade devem ser locados a uma certa distância da avenida.



6

Proposta



Perfil do usuário

As consequências da violência doméstica se manifestam tanto fisicamente quanto psicologicamente, podendo durar muito tempo para serem completamente tratadas.

As lesões corporais causadas pelo agressor podem ter repercussões imediatas ou duradouras na saúde da vítima dependendo de sua gravidade. Existem casos de violência sexual que levam a infertilidade, complicações na gravidez ou aborto espontâneo. Psicologicamente, há a possibilidade do desenvolvimento de transtornos voltados ao medo de se relacionar sexualmente com outra pessoa.

Por mais que as marcas deixadas pela violência física sejam preocupantes, os danos psicológicos e emocionais são os mais difíceis de serem tratados e os que requerem maior tempo e atenção. Estar exposta a um ciclo de agressões por um longo período de tempo, infligido por uma pessoa do seu convívio afetivo, trazem transtornos psicológicos bastante graves que, se não forem tratados, podem levar a comportamento autodestrutivos como o uso de drogas ou até mesmo o suicídio.

Os sintomas mais recorrentes nas vítimas são a insônia, irritabilidade, dificuldade de concentração, problemas alimentares, depressão, ansiedade, síndrome do pânico, estresse pós-traumático, medo, vergonha culpa, entre outros.

A mulher que sofre violência doméstica desenvolve uma dificuldade de fazer escolhas ou acreditar que sua realidade pode mudar devido ao controle que o agressor exerce. Suas escolhas, privacidade e desejos ficam anulados, sendo substituídos pelos do agressor, transformando-a em um objeto. É de extrema importância devolver essa identidade e encorajar o empoderamento para que ela retome o controle de sua vida novamente e faça suas próprias decisões.

A culpa que a vítima sente pela situação de violência também dificulta o tratamento. Essa responsabilidade pela agressão é imposta pelo parceiro e leva a uma autoestima baixa. Quando a mulher se conscientiza da manipulação, sua situação psicológica começa a melhorar.

Nota-se o estado psicologicamente frágil em que as se encontram. O espaço onde elas irão residir nesse período temporário influenciará o tratamento das vítimas, podendo ajudá-las na recuperação ou piorar seu estado.

Por muitas vezes, a privacidade da mulher era negada pelo parceiro, o que se torna um ponto importante na sua recuperação. Apesar desse aspecto, em muitos casos, era forçado o isolamento da vítima de seus amigos e familiares. Sendo assim, lugares onde ela possa estar sozinha e ter um tempo para si devem ser priorizados, mas o equilíbrio entre socialização e isolamento deve existir, criando espaços onde ela possa interagir com sua família e outras vítimas. Há necessidade no programa de lugares privados, de núcleo familiar da vítima e de socialização com outros grupos no abrigo.

O programa é voltado para mulheres vítimas de violência em situação de vulnerabilidade. A maior parte dessas mulheres apresentam escolaridade baixa e são dependentes financeiramente de seus companheiros, sendo que mulheres negras são mais vulneráveis a violência (figura 31 e 32). Os usuários do Centro de Assistência para Mulheres em Situação de Risco seriam segundo as diretrizes para Casas-Abrigo:



- Mulheres em situação de violência com risco de morte.
- Dependentes do sexo masculino, até doze anos de idade de acordo com o art. 2º da Lei nº 8.069/1990;
- Dependentes do sexo feminino, sem limitação de idade;
- Crianças e adolescentes do sexo feminino em situação de violência doméstica e familiar com risco de morte, somente acompanhados por responsável legal do sexo feminino.

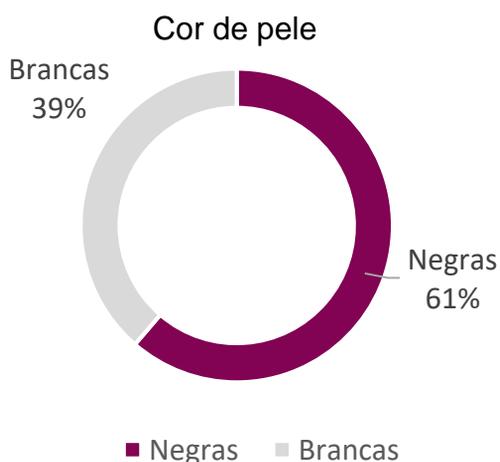


Figura 31 – Vítimas de violência domésticas por cor da pele
Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2019

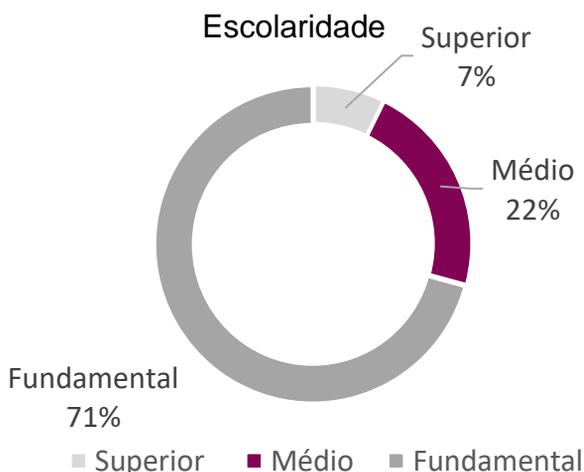


Figura 32 – Vítimas de violência domésticas por escolaridade
Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2019

Proposta teórico-conceitual

A arquitetura tem um papel muito importante nas emoções e bem estar das pessoas que utilizam um lugar. As cores, os materiais utilizados, a proporção de luz solar que um cômodo recebe, o dimensionamento de um ambiente, entre outros fatores, podem influenciar as sensações das pessoas que frequentam esse espaço. Por isso, as decisões arquitetônicas tomadas ao projetar um abrigo para mulheres que acabaram de passar por uma situação de violência contribuem diretamente no tratamento e recuperação das vítimas, podendo ajuda-las ou piorar o quadro psicológico.

Ao se falar de abrigo para pessoas em situação de risco, existem três fatores que são prioridade: segurança, conforto e espaço pessoal (privacidade). A segurança deve ser garantida para as mulheres e seus filhos através de métodos de segurança como câmaras, muros, cercas, portas eletrônicas com acesso de senhas ou cartões. Porém, é preciso mais que apenas assegurar a segurança, os moradores precisam se sentir seguros e, isso, já é possível com soluções arquitetônicas que promovam essa sensação.

O conforto é uma condição importante no tratamento psicológico. É necessário que o ambiente se assemelhe a casa o máximo possível, principalmente pela sensação de conforto, segurança e paz que isso traz. Ambientes quietos e aconchegantes com um toque de familiaridade que possam ser personalizados ajudam a vítima a recuperar sua identidade.

A última instância, que tem um enorme peso na saúde mental dos usuários, é o respeito ao espaço individual e o coletivo. O tratamento de traumas exige várias etapas e cada pessoa reagirá diferente ao processo. Algumas mulheres preferem ficar mais sozinhas enquanto outras precisam estar acompanhadas a maior parte do tempo. Porém, em todo caso, será necessário espaços individuais, onde a mulher possa refletir e lidar com o que passa no seu interior, e espaços comuns, onde possam se socializar e compartilhar experiências. Ambas esferas estarão presentes no tratamento de todas, independente do tempo que cada uma ocupará esses lugares.



Figura 33 – Conceitos

Espaços

A ciência proxêmica estuda as distâncias físicas definidas entre as pessoas nos diversos contextos sociais e as suas variações em diferentes culturas, grupos ou situações. Ela divide o espaço em quatro categorias: íntimo, pessoal, social e público.

Em cada categoria, é definida inconscientemente ações, posturas e distâncias que devem ser seguidas para o conforto das pessoas que se encontram nesse ambiente. De acordo com que a escala progride ao íntimo, o nível de privacidade aumenta e há uma seleção de pessoas que possam compartilhar o espaço com o indivíduo.

A privacidade, então, é um fator de importância no projeto. No caso do programa específico, como a privacidade das vítimas eram anuladas pelo seu agressor na maioria dos casos, é essencial a criação de espaços onde as mulheres possam ficar sozinhas.

Sendo assim, dividir o projeto em níveis de interação social ajuda no controle de fluxos internos e a garantir a segurança, o conforto e a privacidade das residentes do abrigo.

- Público - Destinado a visitantes e a parte administrativa do abrigo. Essas áreas são movimentadas e frequentadas por pessoas distintas, o que a torna uma parte perigosa para as mulheres e que deve ser separada das áreas comuns.
- Social- Espaços frequentados por todas as residentes onde ocorre interações sociais e atividades em grupo. Devem ser espaços agradáveis que promovam a interação social.
- Pessoal – São espaços com um caráter mais íntimo, pois o indivíduo seleciona com quem o compartilha através de critérios como confiança e afinidade.
- Íntimos – São espaços onde o indivíduo possa estar sozinho. No caso de abrigos é essencial, pois é onde o residente terá sua total privacidade para refletir e cuidar de si. Só são compartilhados em casos de total confiança, ou seja, a mulher deve ter um total controle sobre quem entra nesses espaços. No caso de supervisão, é necessário que seja posicionado em um lugar estratégico, onde haja controle sem prejudicar a privacidade dos residentes.

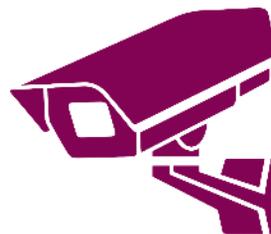


Figura 34 – Níveis de Interação Social

Segurança

A segurança é um dos pontos mais importantes a ser abordado no projeto arquitetônico. Além dos meios tecnológicos de segurança, é necessário que a arquitetura forneça a sensação de proteção através de aspectos como o campo de visão e iluminação de ambientes.

- Câmaras de segurança, portas automáticas com senha, cercas, e outros métodos de segurança são indispensáveis. Além das medidas tecnológicas, seguranças também precisam monitorar o abrigo, podendo receber ajuda da polícia em casos de vítimas que estão correndo maior risco.
- É necessário proteger o edifício de modo que quem esteja na rua não tenha visão do seu interior.



Visão - A visão do espaço que se ocupa é essencial para a sensação de segurança, tanto no sentido de ambientes iluminados como a visão ampla dos ambientes.

- Fornecer ambientes amplos com uma boa iluminação, principalmente no caso de ambientes externos é de suma importância.
- Uma visão ampla e clara de ambientes comuns ajudam os funcionários a administrarem as atividades que estão sendo realizadas nesses locais e fornece uma sensação de segurança as residentes através do controle do ambiente passado pela ampla visão do mesmo.
- Em casos de playgrounds ou áreas onde as crianças ficam a maior parte do tempo, garantir que as mães ou funcionários possam ver as crianças sem estarem no mesmo ambiente onde estão ajuda a manter a ordem e acalmar os responsáveis em relação a segurança dos filhos.

Armazenamento individual – A maior parte dos conflitos que ocorrem em abrigos são relacionados ao roubo de pertences dentro dos próprios quartos. Como não há câmeras de segurança em quartos por respeito a privacidade, o controle dessas situações é difícil. Armários com cadeados ou senhas individuais para cada residente ajudaria a manter a segurança interna.



Fachada – A fachada do edifício pode adquirir um exterior rígido devido a medidas protetivas como muros altos e portões. Apesar disso, é necessário que além de transmitir segurança, seja uma arquitetura convidativa.

Conforto

Abrigo, casa e lar

O acolhimento é o objetivo principal dos abrigos, o que pode ser um desafio pelo estado psicológica que essas mulheres se encontram e o processo que passam para assimilar um novo espaço.

A sensação de acolhimento, ou seja, de pertencer a um espaço, demanda conexão emocional com o mesmo, o que é se criado com o tempo. Sendo assim, é importante saber a diferença entre abrigo, casa e lar.

Todo local, construído ou não, ordenado e dominado por uma estrutura lógica é um espaço, mas quando há atração, identificação, personificação, ele se torna um lugar. (RELPH, 1980).

Sendo assim, o abrigo é um local qualquer que, quando assumi uma característica visual de instituição, muitas vezes é descrita como frio e acaba criando uma barreira com seus residentes. A casa também já é vinculada com a questão visual e funcional de uma residência, ou seja, a sua arquitetura e sua função de acolher e proteger fisicamente o ser humano, porém a definição de lar já é uma conexão sentimental.

Se o ser humano precisa conhecer o espaço e desenvolver sentimentos pelo mesmo para que surja a essência do lugar, a associação desses dois conceitos envolve, portanto, uma dimensão temporal. O tempo é o responsável pelas experiências vividas. Tempo e lugar são elementos básicos do mundo (TUAN, 1983; REIS- ALVES,2007).

Com base nessa perspectiva, o abrigo necessita oferecer a essência de um lar para seus residentes, porém, como é uma instituição de acolhimento provisório, ele não conta com a questão do tempo para um vínculo emocional, mas esse processo pode ser facilitado com alguns fatores.

Psicologia Ambiental

A psicologia ambiental é um estudo que analisa como o indivíduo interage e percebe o espaço a sua volta e como esse ambiente influenciará o seu comportamento e emoções. O espaço onde se convive pode despertar sensações agradáveis ou desagradáveis dependendo de uma série de fatores físicos, visuais, climáticos e psicológicos. Portanto, a arquitetura adotada em abrigos é importante na recuperação e bem estar dos residentes desses espaços.

Um dos pontos essenciais ao se falar de abrigo é a sensação de acolhimento e essa só é conseguida através do conforto físico e psicológico do indivíduo, o que é estritamente ligado com o ambiente. Sendo assim, foi definido três fatores para alcançar esse objetivo que são segurança, conforto e espaço pessoal (privacidade) e serão discutidos separadamente.

Humanização do espaço- É uma estratégia usada principalmente em hospitais e abrigos devido ao estado psicológico de seus usuários. Através dos planejamentos dos ambientes é possível promover o bem estar mental das pessoas que frequentam esse espaço. A ambiência seria a humanização do espaço através do equilíbrio dos elementos que o compõe, como:

- Iluminação – Ambientes bem iluminados trazem conforto e segurança para quem o utiliza. A iluminação natural de ambientes ajuda no conforto, sendo fundamental para o bem estar. Corredores longos e mal iluminados devem ser evitados pela sensação de insegurança que eles trazem.
- Acústica - Controlar o ruído que um ambiente receberá do seu exterior ou de elementos e cômodos próximos. Ambientes extremamente silenciosos causam medo enquanto ambientes barulhentos causam inquietação ou irritabilidade.



- Conforto térmico- A ventilação natural dos ambientes é importante para o conforto físico e a regulação da temperatura. A temperatura pode causar mudanças comportamentais ao corpo, como a indisposição, vertigens e insônia.



- Aspectos visuais e de tato – Cores podem trazer sensações de conforto, tranquilidade e paz ou o contrário, por isso devem ser ministradas com cuidado, como também o uso de texturas podem proporcionar sensações diferenciadas. O contato com a natureza desperta tranquilidade e distração. Jardins e plantas como também vistas voltadas para esses elementos devem ser priorizados no projeto. A arte é um elemento muito importante, pois proporciona um vínculo cultural e emocional com os residentes.

- Organização dos ambientes – Ambientes amplos, mas com dimensões razoáveis para a atividade realizadas contribuem em evitar situações prejudiciais a saúde mental como aglomerações ou a sensação de restrição em um espaço pequeno ou isolamento de certos indivíduos em ambientes exagerados. Assemelhar o abrigo a uma casa facilita a adaptação do indivíduo ao ambiente, pois é uma linguagem arquitetônica familiar para todos.

Os elementos citados estão ligados aos critérios físicos que proporcionam conforto, porém aspectos psicológicos e culturais podem influenciar na percepção do ambiente, o que torna o processo pessoal. É importante criar um espaço onde possa existir a inclusão de todo o indivíduo independente de sua cultura e experiência pessoal.

Apropriação do espaço- É quando o indivíduo modela o ambiente de acordo com sua personalidade e seus gostos pessoais, criando uma conexão emocional com o espaço. Esse é um processo importante no tratamento de mulheres vítimas de violência, pois auxilia na recuperação da identidade e do controle que foram comprometidos durante o ciclo da violência.

- Criar ambientes que possam ser reorganizados de acordo com a preferência do seu ocupante ou que possam ser personificados incentiva as mulheres a tomarem escolhas de maneira independente.
- Controlar o ambiente onde está inserida, proporciona a sensação de segurança e controle necessários no tratamento. Pequenos detalhes como o quanto de iluminação ou ventilação que entram no quarto, a temperatura e a organização do mesmo já ajudam.
- Todos os quartos devem ter seu próprio banheiro. Isso traz uma sensação de conforto, pois se assemelha a uma casa, e controle, pois a residente não ficaria presa a horários de uso ou desconfortável pela situação não familiar de compartilhar um banheiro coletivo.
- Algumas mulheres que passaram por abrigos se sentiram mais confortáveis estando em um quarto individual enquanto outras se sentiram mais a vontade compartilhando esse quarto com sua família ou outra residente. Disponibilizar diferentes modalidades de quartos pode atender todas as necessidades específicas. Entretanto, a quantidade de pessoas em um quarto deve ser moderada. A lotação do espaço pode ser prejudicial para o tratamento das mulheres. Sendo assim a divisão seria em: Quarto individual, quarto duplo e o quarto coletivo.
- Quartos para pessoas com deficiência física devem ser adicionados no projeto, com o banheiro com as devidas medidas.

Pátio - O pátio tem um grande peso no projeto, pois é onde ocorre a interação com o exterior e a natureza de modo seguro. O contato com a luz do sol e a natureza é um dos fatores essenciais na saúde mental e física do ser humano. Boa parte da convivência também ocorre no pátio, pois é um elemento de socialização em várias culturas.

Setorização

A setorização do edifício será feita levando em consideração os níveis de intimidade (público, social, pessoal e íntimo) e as atividades realizadas por cada espaço. O programa consiste em cinco funções e elas se desdobram em atividades específicas:

Acolhimento temporário da vítima e seus dependentes



Abrigo para a vítima e seus filhos. É importante abrigar crianças e até mesmo animais de estimação, pois os mesmos correm risco. Na maior parte das vezes, as mulheres que constituem família, que são a maioria, continuam numa situação de abuso pelo bem estar e proteção dos seus filhos, que podem ser usados pelo agressor como forma de garantir a permanência da vítima do seu lado.

Atendimento Psicológico, Médico e Jurídico

O atendimento imediato depois de uma agressão não é prestado pelo centro, mas há feridas e lesões que precisam de cuidado ao longo prazo e necessitam de acompanhamento especializado. Sendo assim, é necessário o atendimento médico no programa. Muitos problemas psicológicos graves são desenvolvidos no período de violência e esses também devem ser acompanhados para garantir a reintegração da mulher na sociedade. Porém, o atendimento psicológico não se resume aos poucos meses disponíveis de abrigo. Nesse caso, ele se estenderia a mais meses, mesmo a vítima não estando mais acolhida. É dever do Estado disponibilizar Assessoria Jurídica as vítimas, para que assim o agressor responda perante a Lei pelos seus crimes.



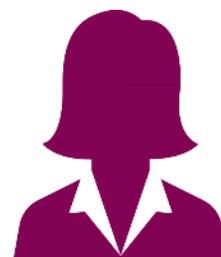
Empoderamento



A maioria das mulheres voltam para a realidade da violência por serem financeiramente dependente de seu companheiro. Cursos profissionalizantes ou oficinas que possam dar opções de renda para essa mulher quando saírem é de grande importância para que elas não voltem a um ciclo de violência ou entrem em outro.

Administração

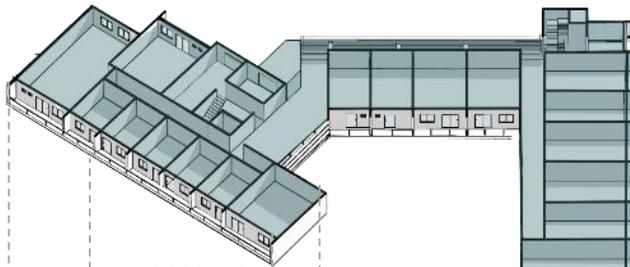
Onde estão presentes os órgãos administrativos do abrigo e onde recebem as garotas que já passaram pela triagem no CREAS.



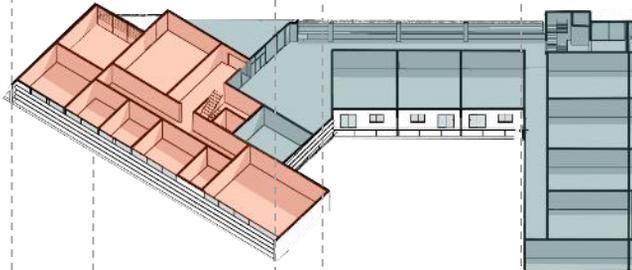
Serviço

Espaço reservado para os funcionários e a realização de tarefas domésticas.

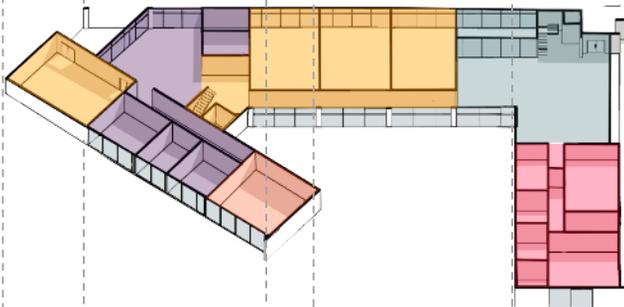
Setorização



Área 3º pavimento = 1432 m²



Área 2º pavimento = 1543 m²



Área terreno = 3604 m²
Área 1º pavimento = 1372 m²

Figura 35 – Setorização

A setorização do edifício (figura 35) foi realizada conforme o processo que a mulher passa durante seu tratamento e o seu avanço. Esse processo seria o acolhimento, a assistência e o tratamento psicológico e, logo depois, o empoderamento.

3 Acolhimento

Nome	Quantidade	Área
Quarto individual	9	30-40 m ²
Quarto duplo	6	47 m ²
Quarto coletivo	3	67 m ²
Sala de convivência	3	T=137 m ²
Área externa	1	32 m ²
Brinquedoteca	1	23 m ²
Área total = 1432m²		

2 Acolhimento

Nome	Quantidade	Área
Quarto PNE	1	63 m ²
Quarto duplo	1	47 m ²
Quarto coletivo	6	67 m ²
Sala de convivência	2	T=108 m ²
Área externa	1	64 m ²
Brinquedoteca	1	34 m ²
Área total = 1056 m²		

Assistência

Nome	Quantidade	Área
Sala de aula	2	47 m ²
Sala de convivência	1	38 m ²
Laboratório informática	1	59 m ²
Biblioteca	1	86 m ²
Enfermaria	1	30 m ²
Psicólogo	1	22 m ²
Assistência social	1	22 m ²
Banheiro	1	17 m ²
Área total = 487 m²		

1 Acolhimento

Nome	Quantidade	Área
Brinquedoteca	1	38 m ²
Sala	1	80 m ²
Refeitório	1	152 m ²
Área total = 277m²		

Administração

Nome	Quantidade	Área
Direção	1	24 m ²
Coordenação	1	24 m ²
Sala de segurança	1	19 m ²
Reunião	1	32 m ²
Banheiros	2	17 m ²
Recepção	1	83 m ²
Área total = 313 m²		

Assistência

Nome	Quantidade	Área
Grupo de apoio	1	60 m ²
Área total = 60 m²		

Empoderamento

Nome	Quantidade	Área
Auditório	1	85 m ²
Academia	1	78 m ²
Ateliê	1	84 m ²
Exibição	1	23 m ²
Sala de costura	1	84 m ²
Área total = 382 m²		

Serviço

Nome	Quantidade	Área
Banheiro	3	14 m ²
Cozinha	1	54 m ²
Dispensa	2	14 m ²
Depósito	1	6 m ²
Lavanderia	1	15 m ²
Sala dos funcionários	1	58 m ²
Área total = 225 m²		

Áreas externas

Nome	Área
Pátio	1060 m ²
Praça	246 m ²
Área total = 1306m²	

Estacionamento

Nome	Quantidade
Vagas	6
Carga e descarga	1
Vagas para PNE	2
Área total = 362 m²	

Circulação

O espaço, além de ser dividido por setores, também foi dividido pelos diferentes tipos de interações sociais (figura 36), garantindo a segurança, o conforto e a privacidade dos residentes sem prejudicar as interações coletivas que são tão importantes quanto os momentos íntimos.

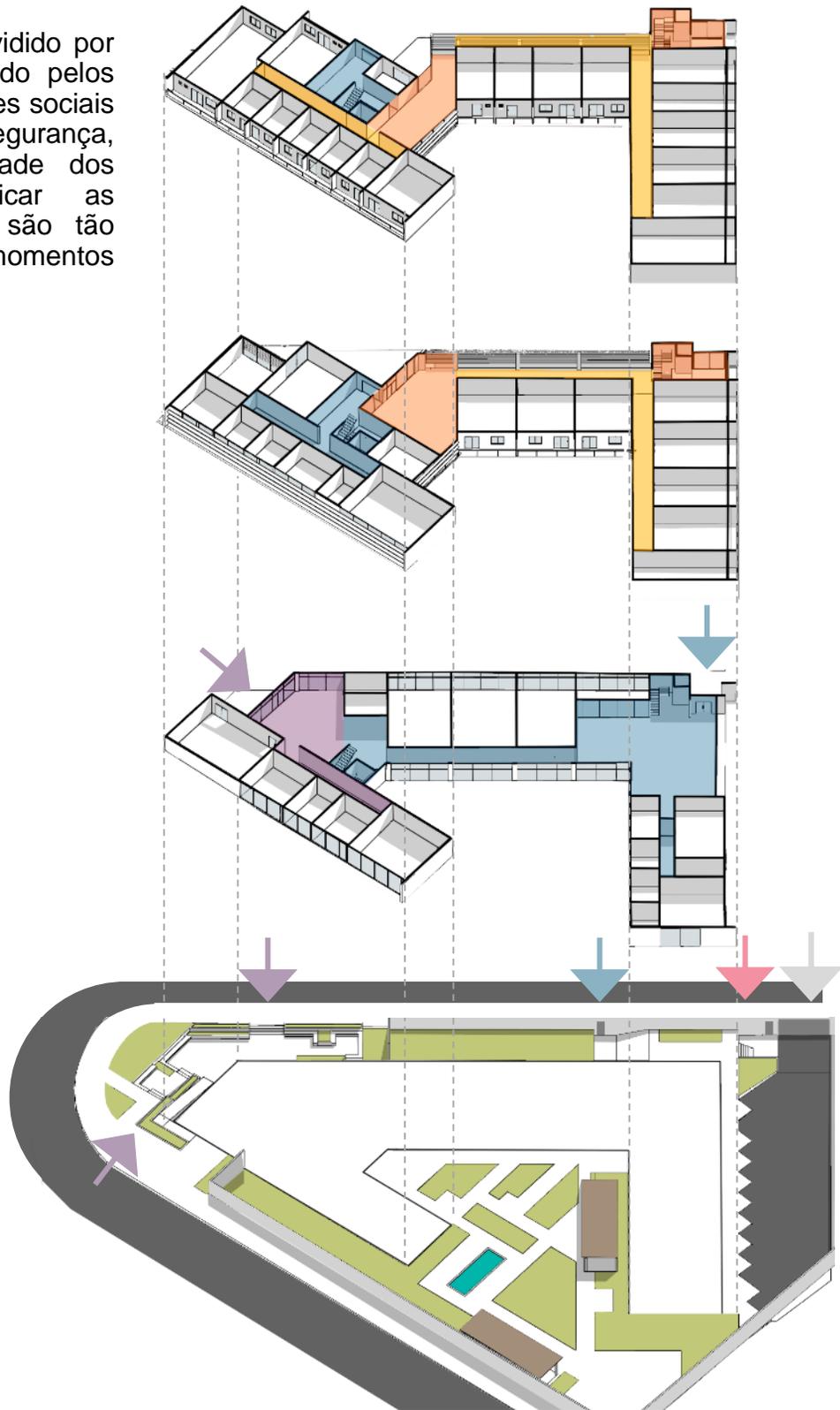
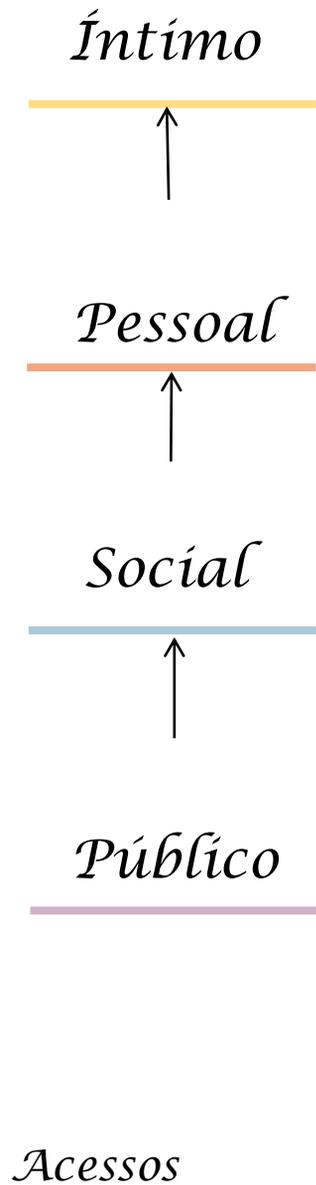


Figura 36 – Circulação



A circulação pelo edifício se torna mais íntima a cada pavimento, sendo que o térreo abriga atividades sociais e públicas enquanto as atividades consideradas mais pessoais são realizadas nos demais pavimentos, criando uma separação e privacidade.

No segundo e terceiro pavimento, a mudança dos setores sociais para os íntimos é feito por espaços de convivência mais reservados, classificados como pessoais. Dessa maneira, a transição desses níveis de intimidade acontece gradualmente de forma confortável. A assistência foi dividida entre o primeiro e segundo pavimento devido a classificação das atividades. No térreo está localizado a sala de apoio em grupo, sala que pode

receber mulheres que já não são mais residentes, o que torna um espaço público. No segundo pavimento está localizado as atividades voltadas somente para as residentes e classificadas como atividades sociais e pessoais.

Como o último pavimento é ocupado apenas por quartos e salas de convivência, ele se torna o andar mais reservado e intimista. Sendo assim, os quartos individuais que são utilizados por mulheres em um estado de maior vulnerabilidade se localizam nesse pavimento, pois proporcionam uma maior privacidade e sensação de segurança por serem mais afastados das áreas movimentadas.

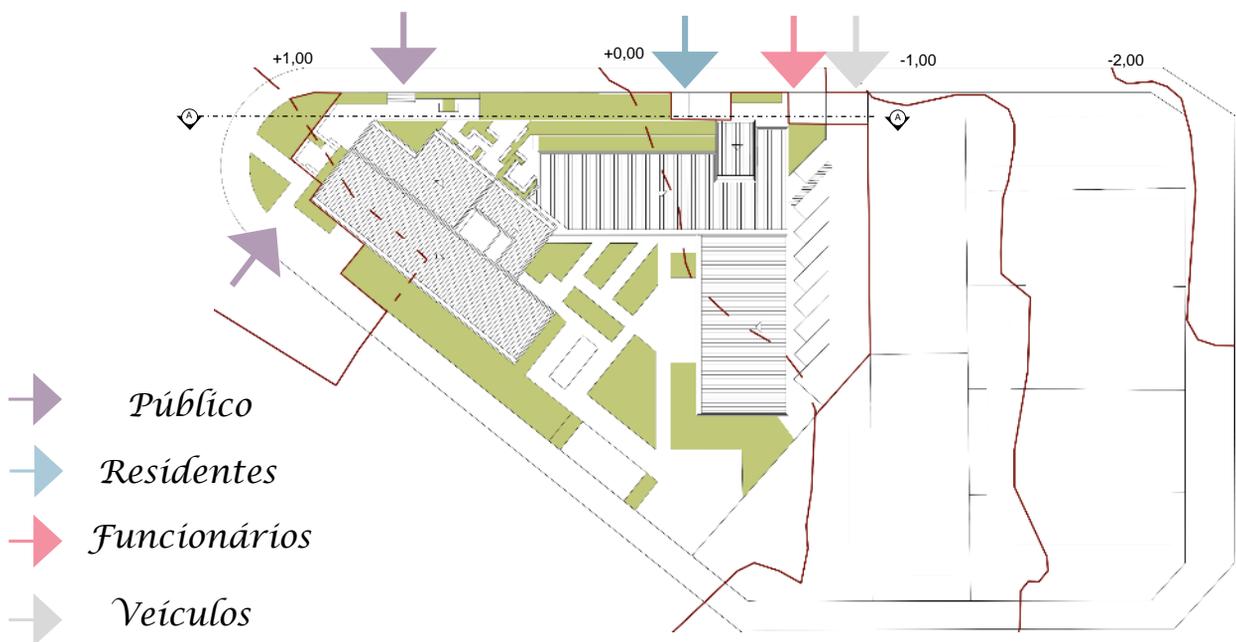


Figura 37 – Implantação



Figura 38 – Corte A

O terreno tem 2 metros de inclinação, sendo ela de 2%, e foi trabalhada externamente com o uso de rampas e escadas. O edifício é implantado em um nível único, sendo separado em quatro acessos para funcionários, veículos, visitantes e residentes. A entrada dos funcionários, residentes e veículos está localizada na Rua 2-A por ser uma via mais privada comparado com a avenida. Essas entradas estão a um nível abaixo da implantação do edifício. Esse desnível é vencido com rampas e escadas exteriores ao edifício. A entrada destinada a visitantes e administração se encontra em um nível inferior comparado ao nível da rua, o que também é trabalhado com escada e rampa localizados na praça.

Volumetria

A primeira proposta foi a de separar a setorização em três blocos independentes onde a circulação entre eles seria feita pelo pátio, pois cada setorização apresentava uma atividade distinta com níveis diferentes de intimidade. Os blocos foram dispostos de acordo com o desenho do lote (figura 39).

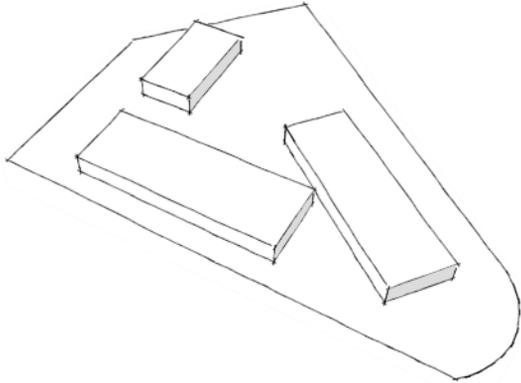


Figura 39 – Volumetria primeira proposta

Para um melhor controle e circulação dos funcionários pelos setores, os blocos foram articulados juntos ainda garantindo a separação por intimidade proposta no começo. A volumetria então ganha forma seguindo o desenho do lote e pátio interno, posicionado no leste (figura 40).

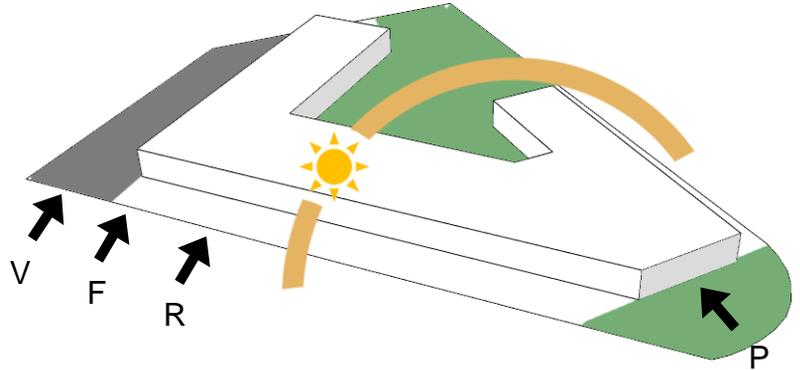


Figura 40 – Volumetria segunda proposta

Os corredores dos quartos foram colocados a oeste, por serem um elemento de circulação e poderem receber sol a maior parte do dia sem prejudicar os residentes. Ainda assim, foi proposto roseiras e brises para a proteção solar. Foram feitos cortes na volumetria com o propósito de criar áreas de convivência externas mais reservadas em cada pavimento (figura 41).

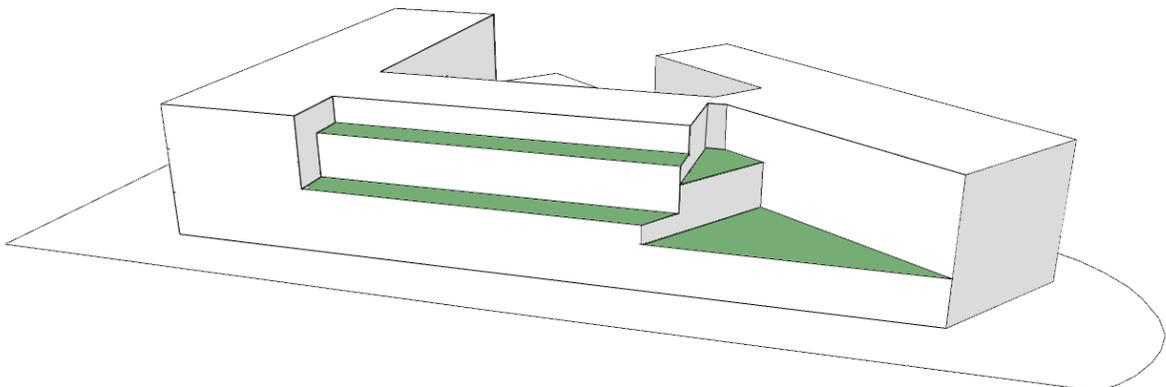


Figura 41 – Volumetria segunda proposta

Referências

BESTETTI, Maria Luisa Trindade. **Ambiênia: espaço físico e comportamento.** 2014.

BRUN, Adriane; SANTOS, Regilaine. **A política de assistência social no Brasil e os sistemas de proteções do sistema único de assistência social (SUAS).** 2016. Disponível em: <https://regilainesantos.jusbrasil.com.br/artigos/323125229/a-politica-de-assistencia-social-no-brasil-e-os-sistemas-de-protecoes-do-sistema-unico-de-assistencia-social-suas>. Acesso em: 04 de Março de 2020.

CARVALHO, Noémia Maria Costa. **Perfil Psicológico Das Mulheres Vítimas de Violência Doméstica e Suas Repercussões.** Tese de Mestrado em Psicologia Forense e da Transgressão. 2010. Disponível em: <https://repositorio.cespu.pt/bitstream/handle/20.500.11816/67/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20completa.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 de Março de 2020

COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas. SANTIAGO, Rosilene Almeida. **A violência contra a mulher: antecedentes históricos.** Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/sepa/article/viewFile/313/261>. Acesso em: 08 de Março de 2020.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da Violência 2019.** 2020. Disponível em: http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Atlas-da-Violencia-2019_05jun_vers%C3%A3o-coletiva.pdf. Acesso em: 12 de Março de 2020.

JÚNIOR, Ercedilio Guedes; RIBEIRO Jaqueline Valéria. **Atendimento psicológico as mulheres vítimas de violência doméstica.** Disponível em: <https://fapb.edu.br/wp-content/uploads/sites/13/2018/02/ed7/4.pdf>. Acesso em: 18 de Março de 2020

JOSHI, Rutali. **Understanding the Built Environment of Shelter Homes for Survivors of Domestic Violence.** 2017. Disponível em: https://tigerprints.clemson.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3649&context=all_theses

REVISTA VIDRO IMPRESSO. **Vidro duplo: como é feito, vantagens e aplicações.** Disponível em: <https://vidroimpresso.com.br/noticia-setor-vidreiro/vidro-duplo:-como-e-feito,-vantagens-e-aplicacoes#:~:text=O%20sistema%20de%20envidra%C3%A7amento%20duplo,por%20um%20espa%C3%A7ador%20em%20alum%C3%ADnio.>

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL. **O que é assistência social.** Junho, 2015. Disponível em : <http://mds.gov.br/assistencia-social-suas>. Acesso em: 04 de Março de 2020.

NIEMEYER, Carlos Augusto da Costa. **Percepção ambiental como estratégia de investigação em arquitetura: Um estudo de caso.** 2018

SAVI, Aline Eyng. **Abrigo ou lar?** 2008

SANTANA Eline Peixoto; SILVA Jéssica Aparecida dos Santos , SILVA Valdianara Souza. **Histórico da política de assistência social.** Disponível em:<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao21/materia03/>. Acesso em: 06 de Março de 2020

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL. **Sistema Único de Assistência Social – SUAS.** Disponível em: http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/portal.php/assistencia_sistema. Acesso em: 04 de Março de 2020.

SISTEMA LAMINAR ALTO. Disponível em: <https://ecotelhado.com/sistema/telhado-verde/laminar-alto>

Secretaria de Políticas para as Mulheres Presidência da República. **Diretrizes Nacionais para o Abrigamento de Mulheres em Situação de Risco e de Violência.** Brasília, 2011.

PREFEITURA DE GOIÂNIA. SEMAS - **Secretaria Municipal de Assistência Social.** Disponível em: <http://www4.goiania.go.gov.br/portal/site.asp?s=782&m=1626>. Acesso em: 04 de Março de 2020.

PINAFI, Tânia. **Violência contra a mulher: políticas públicas e medidas protetivas na contemporaneidade.** Revista Histórica, São Paulo, n. 21, abril 2007. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao21/materia03/> Acesso em: 08 de Março de 2020.

7

O projeto

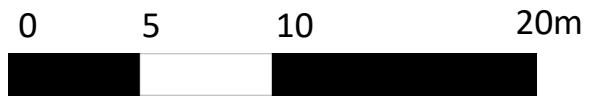


Rua 2-A



Av. Paranaíba

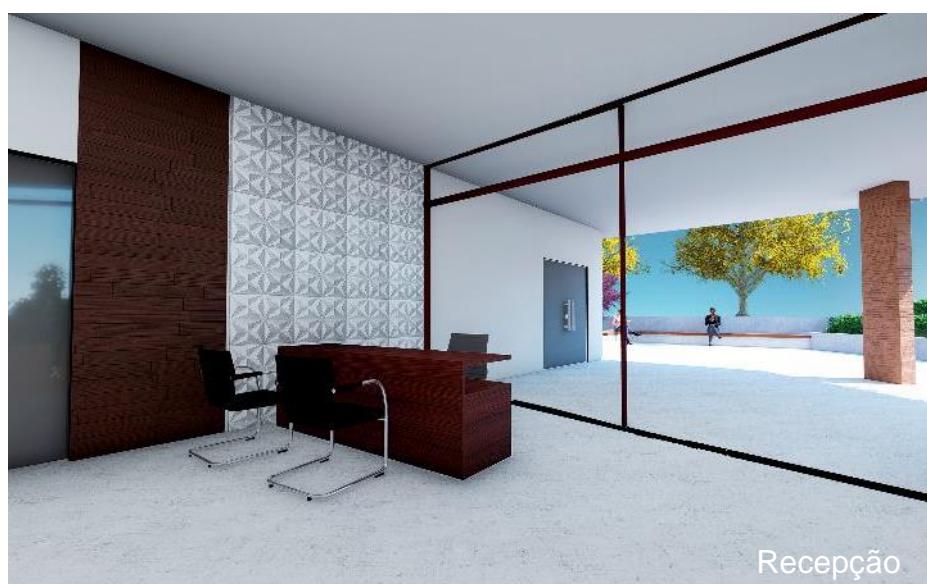
Planta Primeiro Pavimento





No primeiro pavimento está localizado as atividades sociais e públicas. O programa abrange uma proposta de sustento financeiro com a venda de produtos feitos pelas mulheres. A sala de costura e ateliê são usados para a produção desses itens, incluindo a cozinha industrial para produtos comestíveis. Esses produtos são expostos na recepção. A sala multiuso é usada para palestras e atividades com a participação da comunidade tendo como objetivo prevenir e conscientizar a população sobre a violência e proporcionar a interação dessas mulheres com a comunidade local.

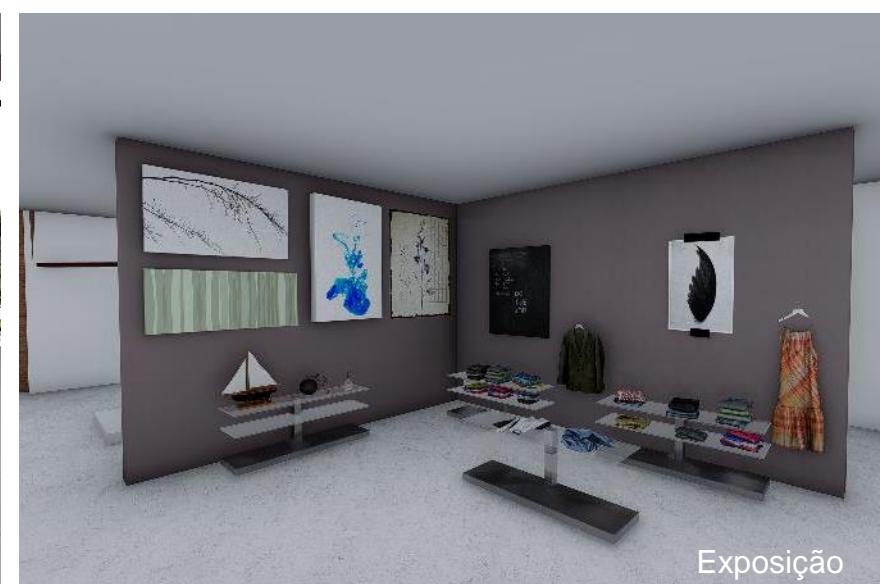
Recepção



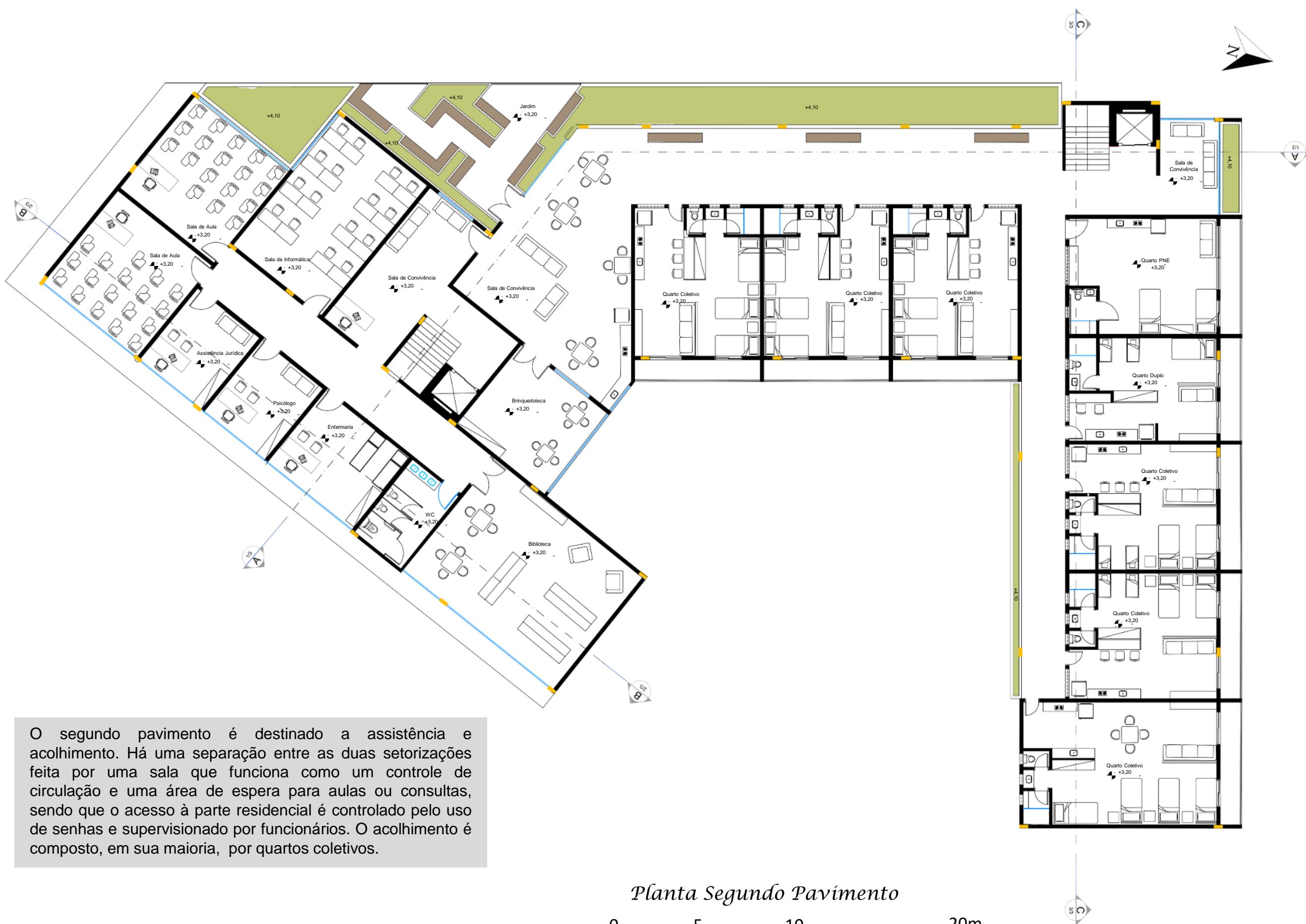
Recepção



Recepção



Exposição



O segundo pavimento é destinado a assistência e acolhimento. Há uma separação entre as duas setorizações feita por uma sala que funciona como um controle de circulação e uma área de espera para aulas ou consultas, sendo que o acesso à parte residencial é controlado pelo uso de senhas e supervisionado por funcionários. O acolhimento é composto, em sua maioria, por quartos coletivos.

Planta Segundo Pavimento



Salas de Convivência

No primeiro pavimento, se localiza a sala comum de convivência do abrigo onde acontece as interações coletivas. As salas de convivência do segundo e terceiro pavimento são reservadas para interações mais pessoais entre os residentes daquele pavimento, funcionando como forma de transição entre espaços sociais e íntimos. Esses espaços são considerados pessoais na escala proxêmica, pois são espaços onde há uma socialização mais íntima.

As brinquedotecas são posicionadas em pontos estratégicos para que haja o monitoramento das crianças pelas mães e funcionários sem a necessidade de estarem no mesmo ambiente. Cada pavimento tem uma brinquedoteca ao lado da sua sala de convivência principal.



Sala de convivência 1° pavimento



Sala de convivência 2° pavimento



Refeitório



Sala de convivência 2° pavimento



O terceiro pavimento é dedicado somente para o acolhimento, sendo o andar mais intimista e privativo. Sendo assim, os quartos individuais, que são utilizados por mulheres em um estado de maior vulnerabilidade, se localizam nesse pavimento pela maior privacidade e sensação de segurança devido à distância das áreas movimentadas.

Planta Terceiro Pavimento





Corte A

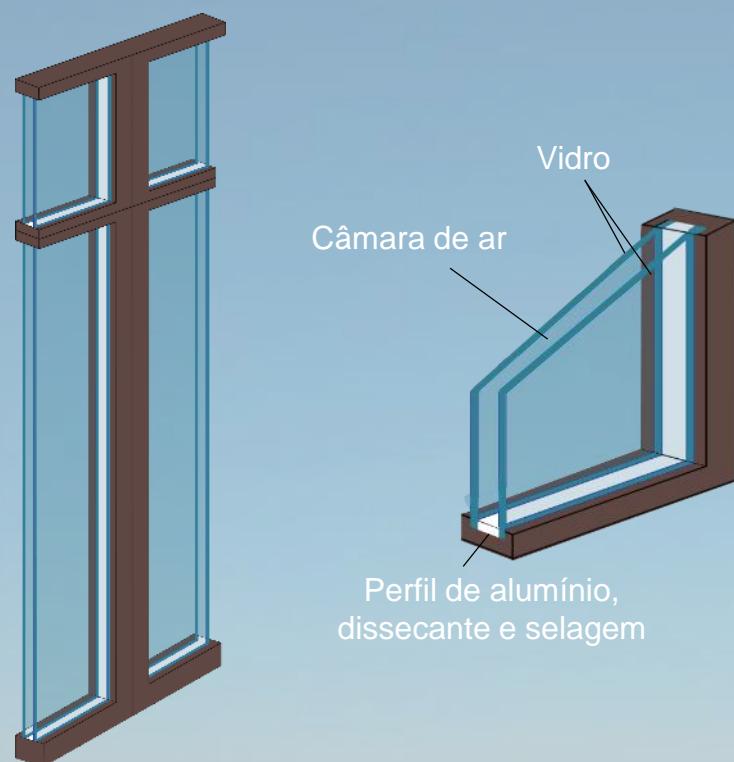


Corte B



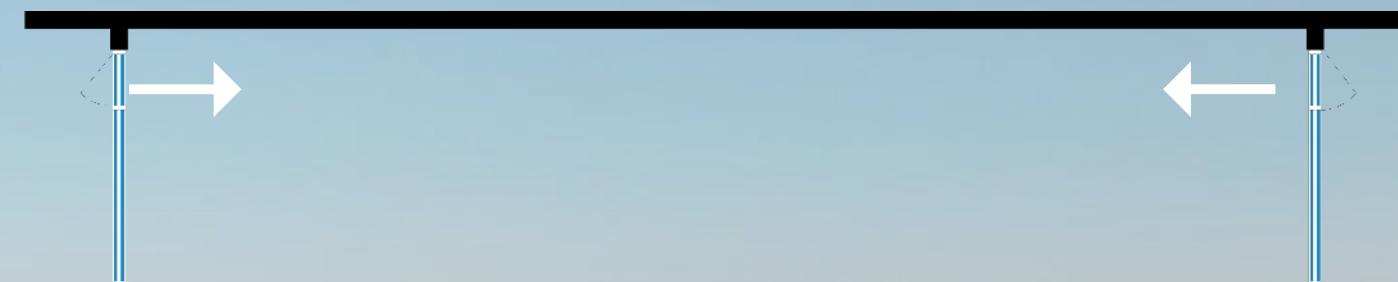
Corte C

Detalhamento pele de vidro



O conforto térmico e lumínico são elementos essenciais em programas como esse. O contato com o exterior é importante, o que levou à utilização do vidro em vários ambientes. A iluminação natural está vinculada a sensação de bem estar e conforto, porém o conforto térmico dos residentes pode ser prejudicado. Sendo assim, é proposto a utilização do vidro insulado, pois aproveita a luz natural e impede a transferência do calor, funcionando como

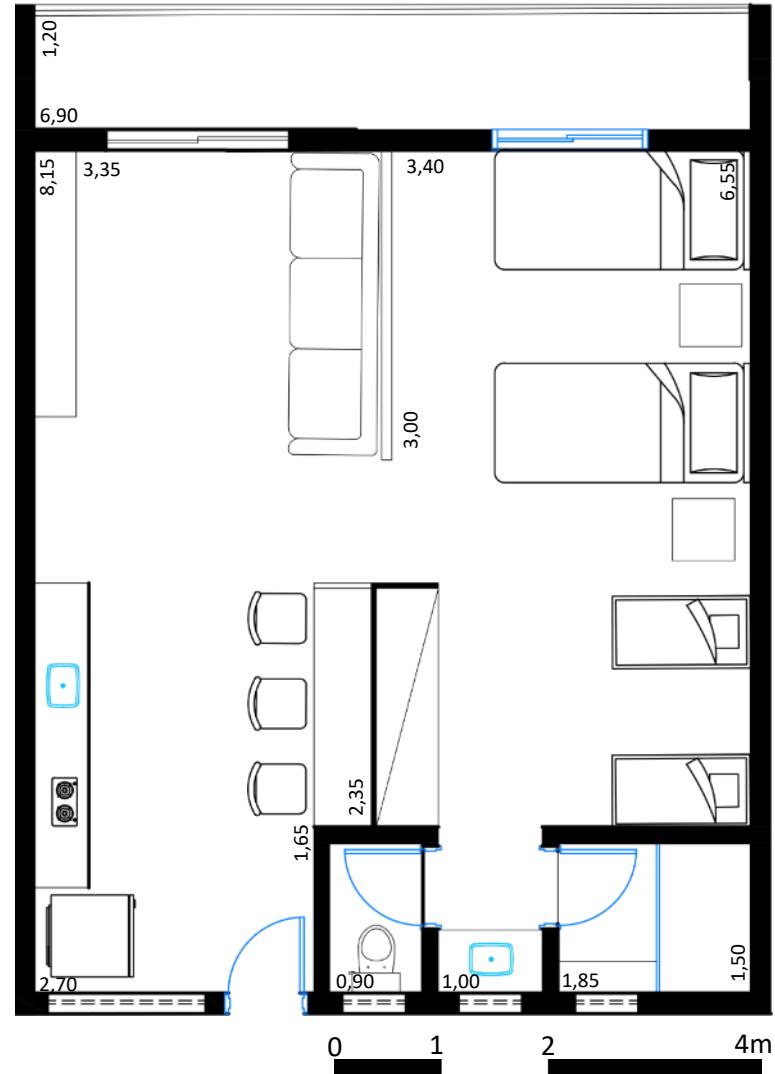
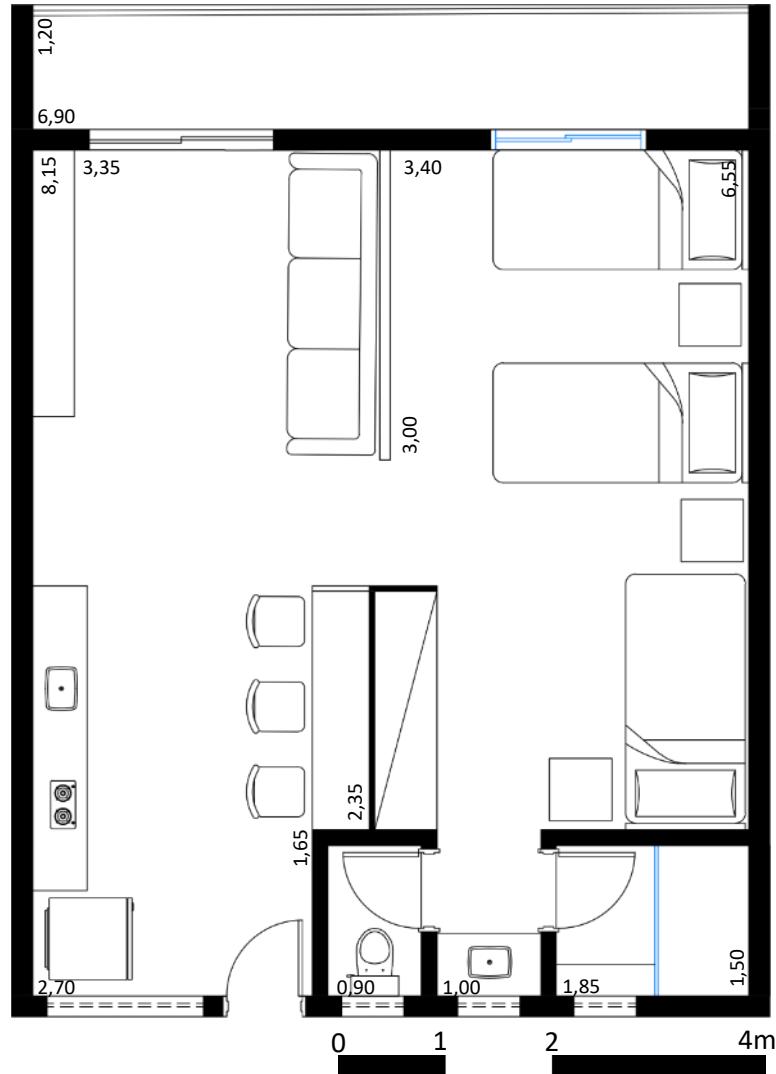
isolamento térmico e acústico. Esse sistema consiste em duas lâminas de vidro separadas por uma camada interna de ar desidratado e um perfil de alumínio que garante a ausência de umidade. A camada de ar forma uma espécie de vácuo, o que dificulta a propagação do calor. A possibilidade de abrir a parte de cima como uma janela possibilita a entrada e a circulação de ar no ambiente.



Quarto Coletivo

Esse modelo acomoda 3 pessoas e é destinado a famílias ou mulheres que já tenham progresso no tratamento psicológico. O layout permite a variedade dos usos, podendo acomodar berços.

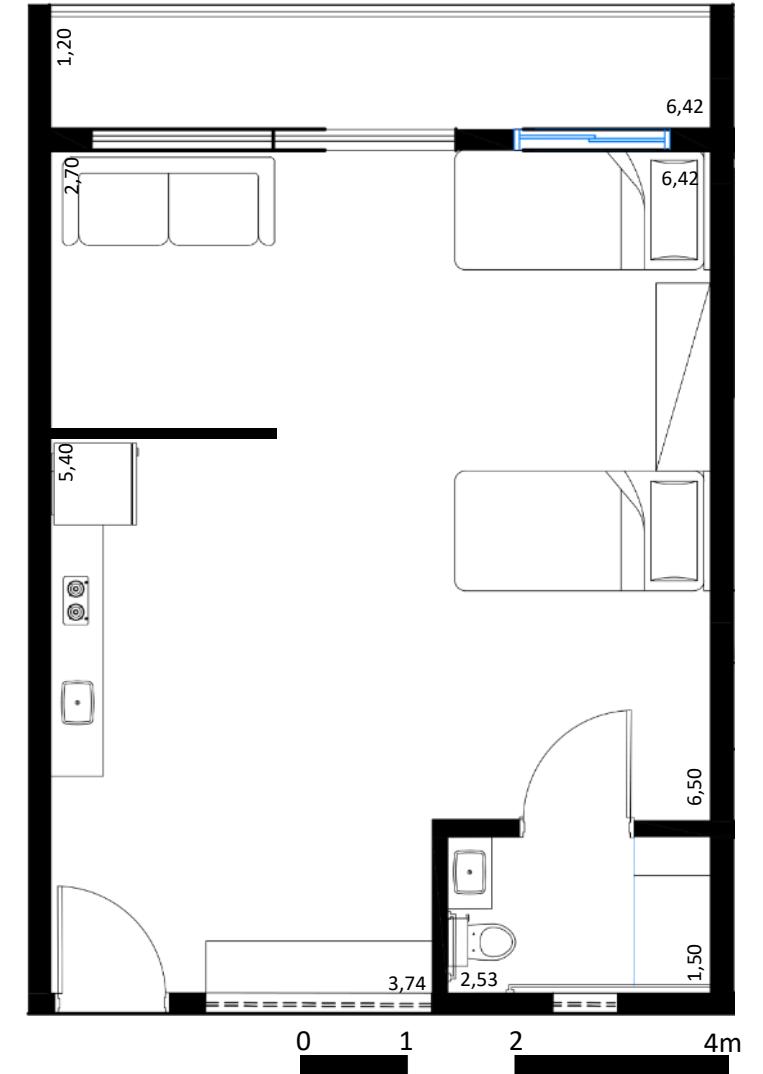
Quantidade= 9
Área= 67 m²



Quarto PNE

Quarto para pessoas com deficiência que precisam de mais espaço de locomoção para realizar suas atividades.

Quantidade: 1
Área: 63 m²

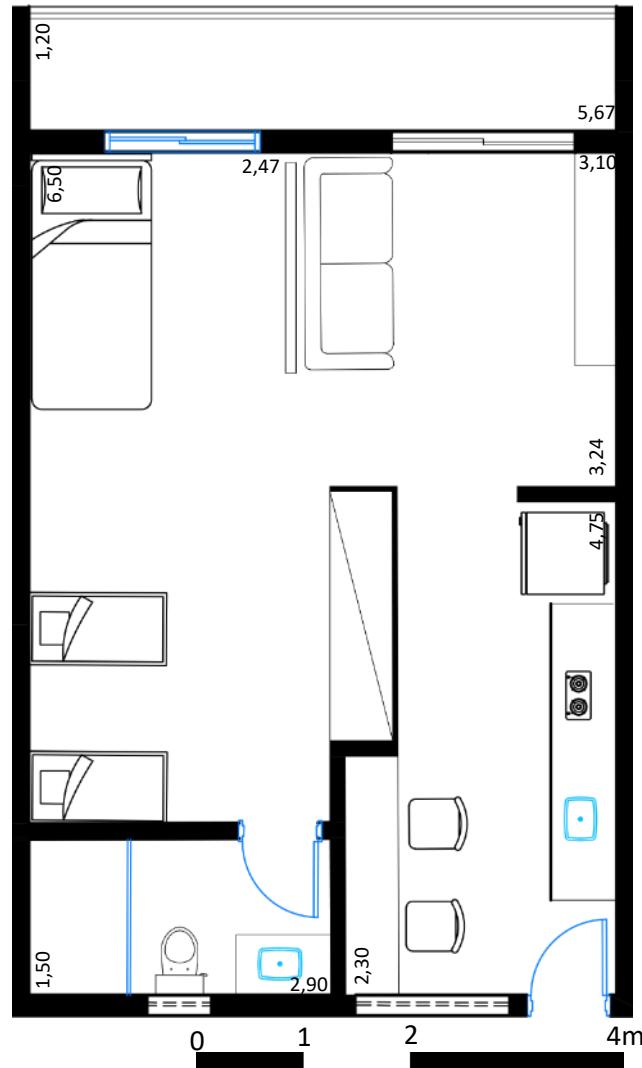
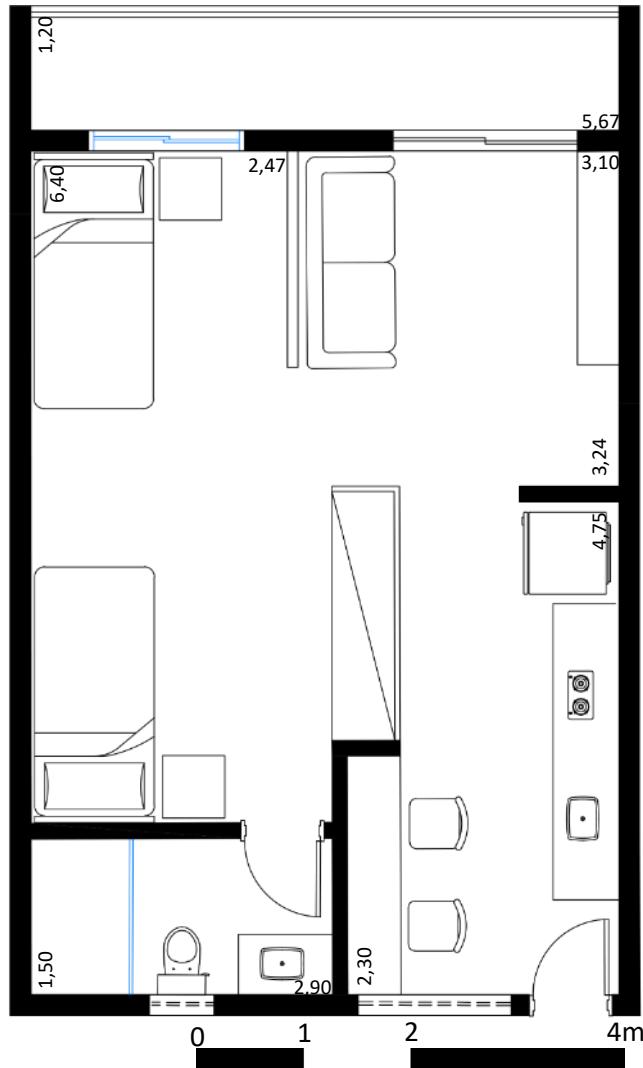


Foi proposto um painel na divisória da sala e do quarto, composto de peças que possam ser abertas ou fechadas de acordo com a vontade dos residentes, proporcionando privacidade quando necessário e ampliando a percepção do ambiente quando aberto.

Quarto Duplo

Esse quarto é projetado para duas pessoas que preferem um quarto compartilhado de acordo com o seu tratamento psicológico, pois cada uma reagirá diferente a situação

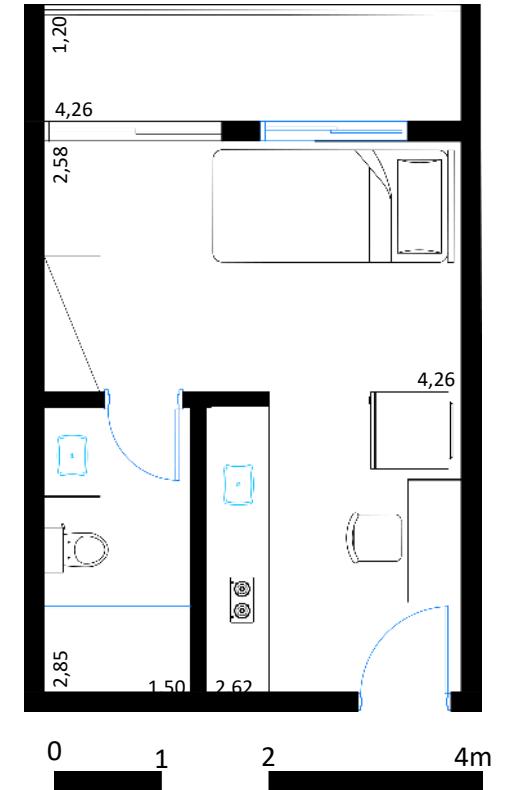
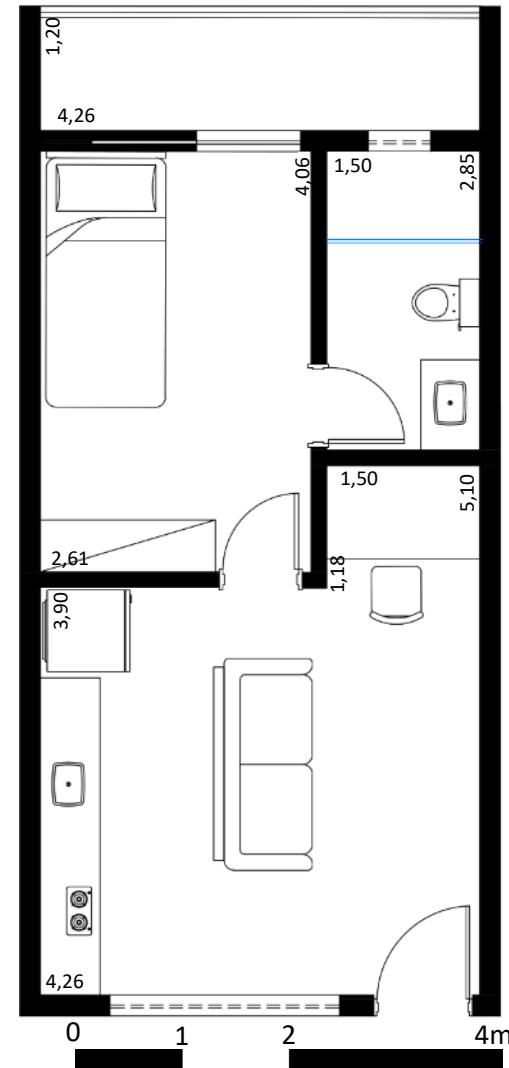
de violência. Esse quarto também pode ser ocupados por famílias pequenas.
Quantidade = 7
Área = 47 m²



Quarto Individual

Essa modalidade é dedicado para mulheres que precisam de uma privacidade maior devido ao seu estado psicológico.

Quantidade = 9
Área = 40 m²
Área = 30 m²



Quarto Individual

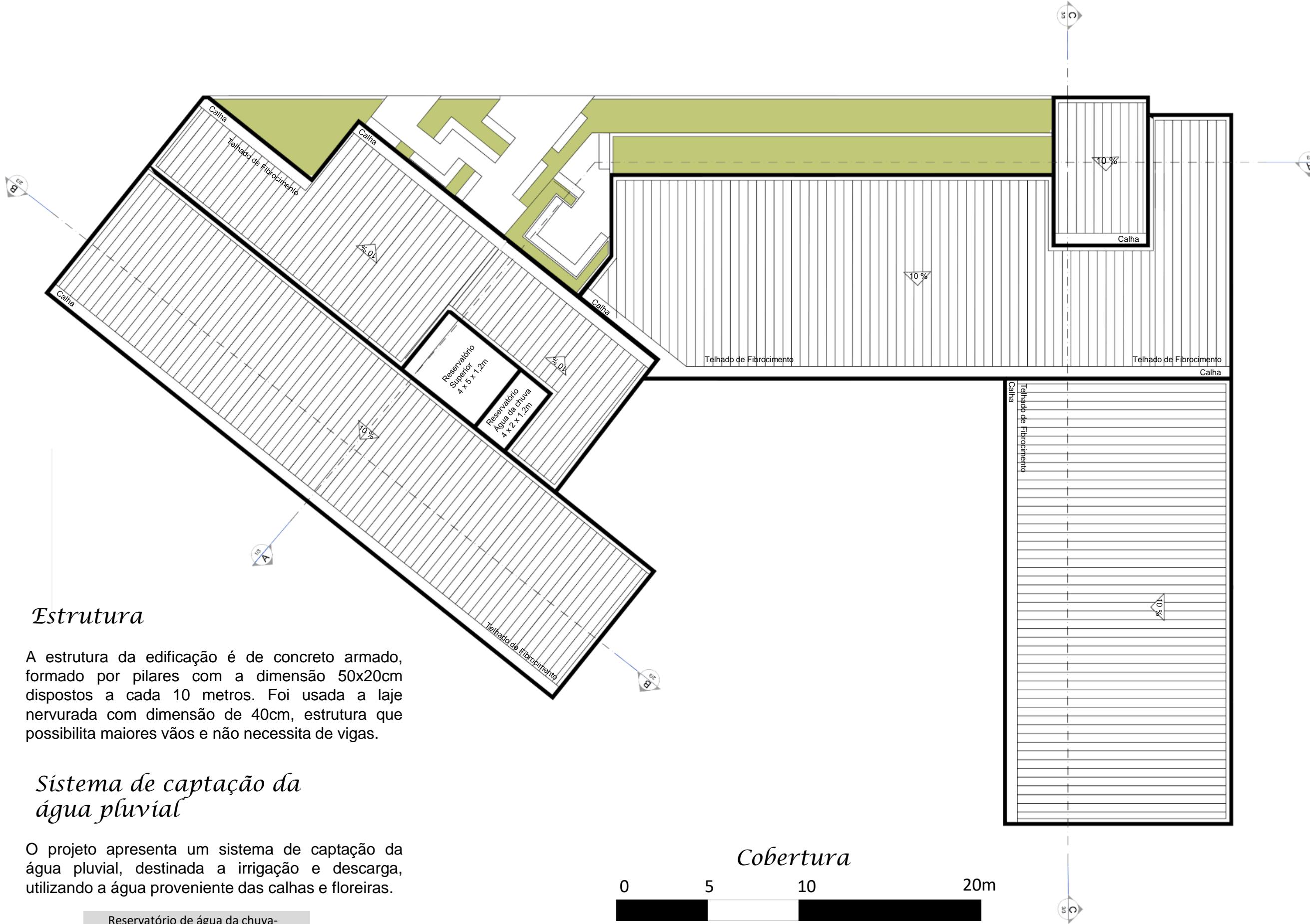


Quarto Duplo



Quarto Coletivo

Os quartos foram projetados para se assemelham a um lar o máximo possível, pois assim o processo de acolhimento se torna mais rápido e fácil, também ajudando no tratamento psicológico. Cada quarto tem seu próprio banheiro, dando liberdade em relação a horários de uso e privacidade. A cozinha também foi um elemento integrado, oferecendo a mulher autonomia e promovendo a ideia de lar.



Estrutura

A estrutura da edificação é de concreto armado, formado por pilares com a dimensão 50x20cm dispostos a cada 10 metros. Foi usada a laje nervurada com dimensão de 40cm, estrutura que possibilita maiores vãos e não necessita de vigas.

Sistema de captação da água pluvial

O projeto apresenta um sistema de captação da água pluvial, destinada a irrigação e descarga, utilizando a água proveniente das calhas e floreiras.

Reservatório de água da chuva-
 Descarga e irrigação
 2 dias -8000L – 8 m³

Cobertura





Jardins

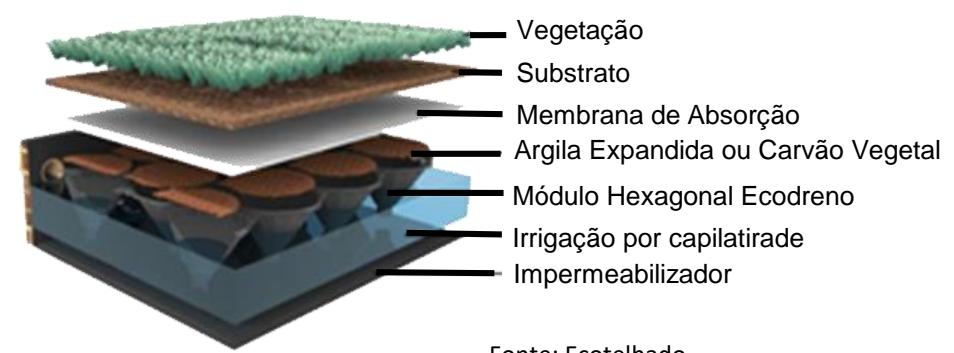
O contato com a natureza é um ponto importante para o tratamento psicológico das vítimas, pois desperta tranquilidade, distração e conforto. Jardins e plantas como também vistas voltadas para esses elementos foram priorizados no projeto. Foi projetado floreiras nos corredores dos quartos como também áreas verdes de convivência para cada pavimento com o intuito de proporcionar momentos de socialização mais privados em áreas ao ar livre. Diferente do pátio, que tem um foque em atividades sociais com uma maior quantidade de pessoas, essas áreas são mais íntimas, influenciando a interação social de grupos menores e uma maior privacidade.

Como no pátio, os bancos também são projetados para oferecer opções de socializações, possibilitando a integração de grupos maiores e menores através do seu tamanho e posicionamento.

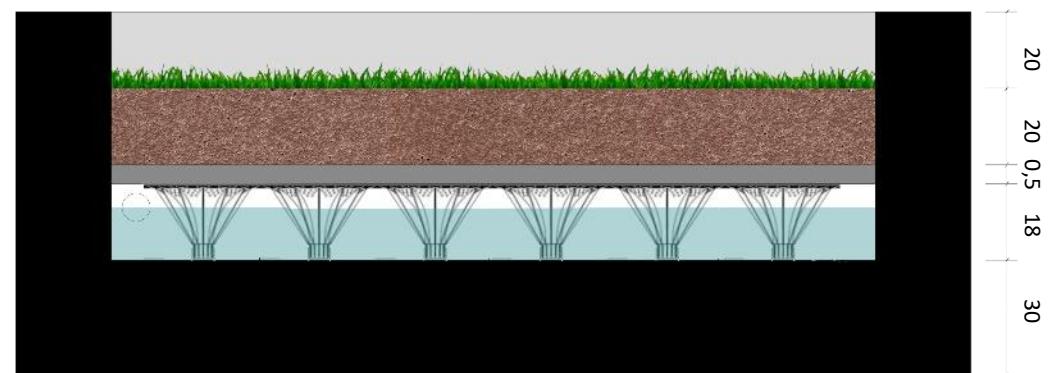


Corte floreira

O Sistema laminar Alto permite que se armazene água entre a laje e o substrato, atuando como cisterna e diminuindo a necessidade de irrigação das floreiras. A água retida também pode ser aproveitada, pois quando excedida o limite de água, esta é conduzida para o reservatório inferior de reaproveitamento de água



Fonte: Ecotelhado



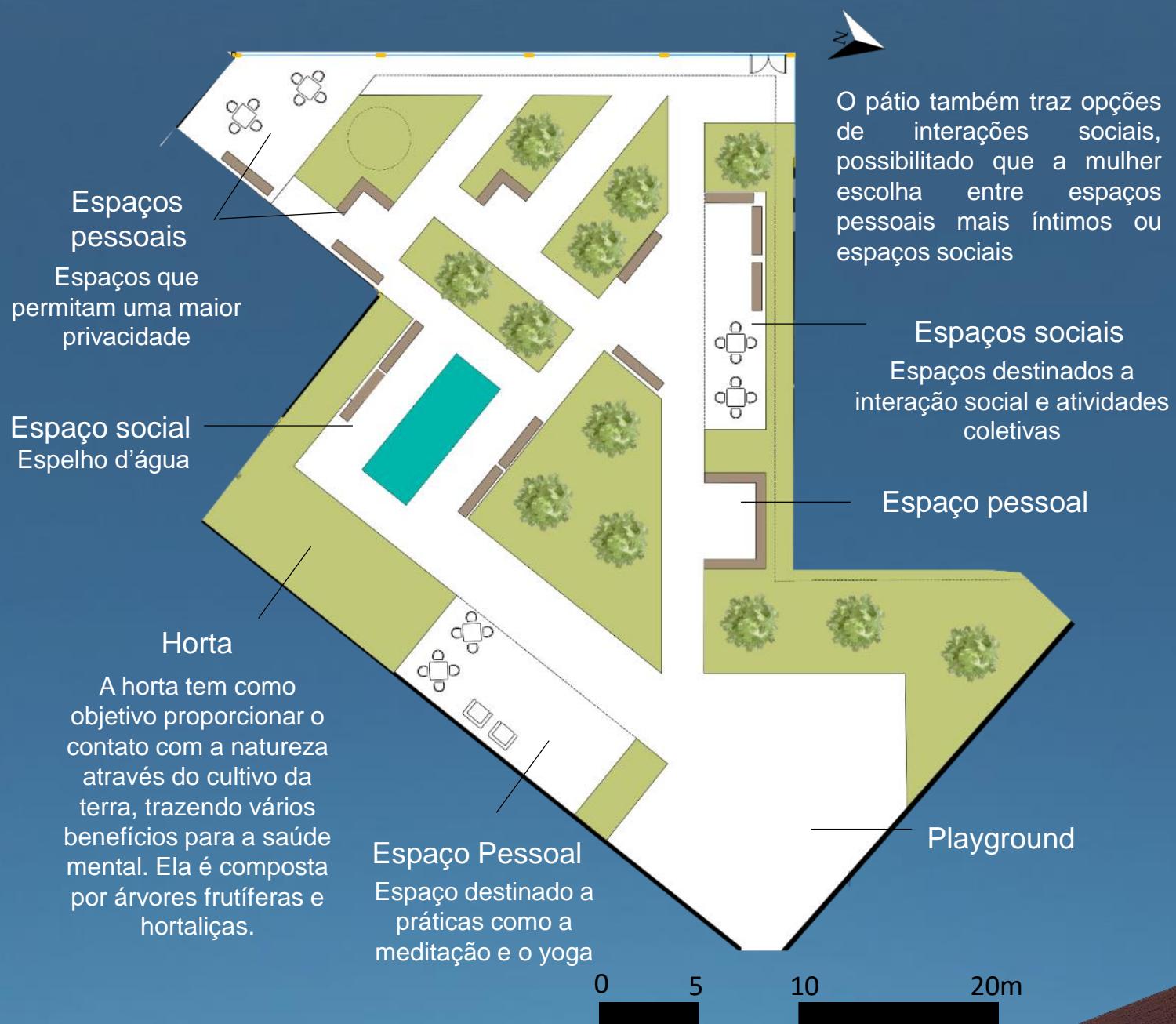
Corte floreira



Pátio



O pátio interno sempre esteve presente na história da arquitetura como um elemento de socialização em várias culturas. Em programas como esse, ele ganha um destaque importante, pois auxilia na saúde mental dos residentes. Como a maioria das mulheres não saem frequentemente do centro, é essencial que tenham um espaço onde possam se conectar com o mundo exterior sem por a sua vida em risco. É proposto assim, um pátio interno que possa proporcionar o contato com a natureza e a interação social entre os residentes, como também um momento privado de reflexão.

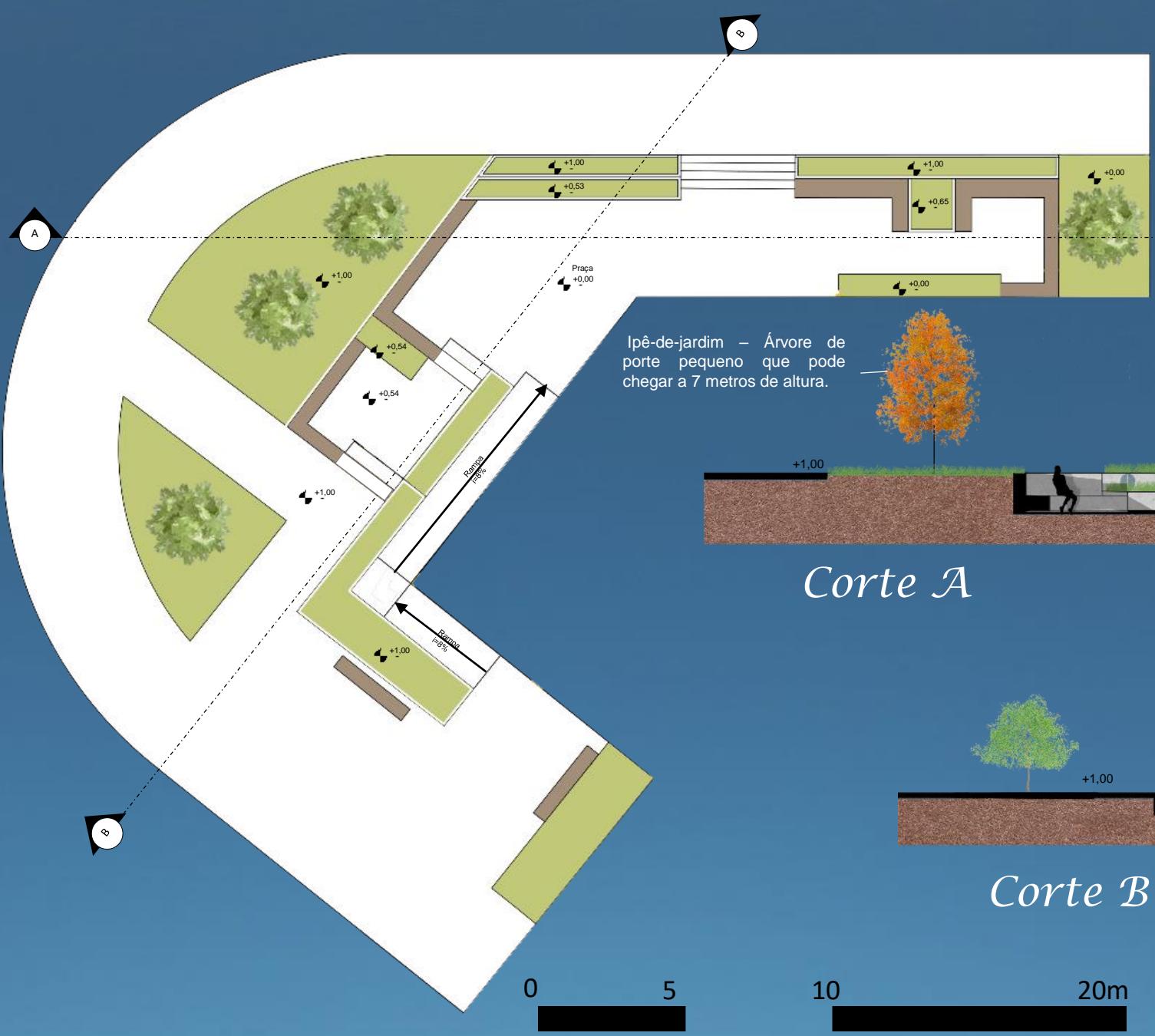




Praça



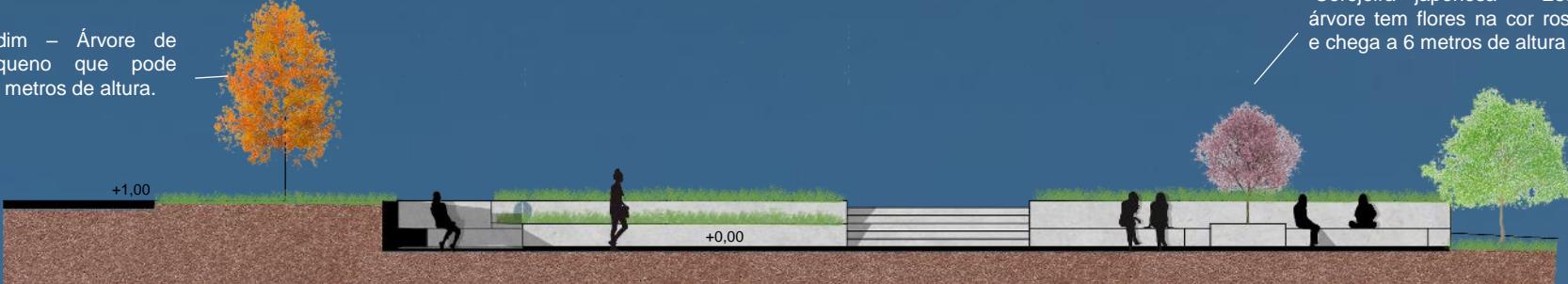
Muitas pesquisas mostram que o contato da vítima com a comunidade local é benéfico ao tratamento das vítimas de violência, pois elas se sentem acolhidas e motivadas a retornarem a sociedade. Dessa forma, foi proposto um espaço de integração com o objetivo de proporcionar esse contato social com os moradores do bairro de uma forma segura. O envolvimento da comunidade em algumas atividades visa a conscientização da população sobre o problema e a prevenção de casos.



A praça é trabalhada em níveis, onde os próprios degraus criam o mobiliário urbano, sendo que ela se encontra a um metro abaixo do nível da rua, trazendo um senso de privacidade e segurança. A praça também pode ser vista da recepção, sendo possível o monitoramento pelos seguranças e funcionários.

Ipê-de-jardim – Árvore de porte pequeno que pode chegar a 7 metros de altura.

Cerejeira japonesa - Esta árvore tem flores na cor rosa e chega a 6 metros de altura



Corte A



Corte B

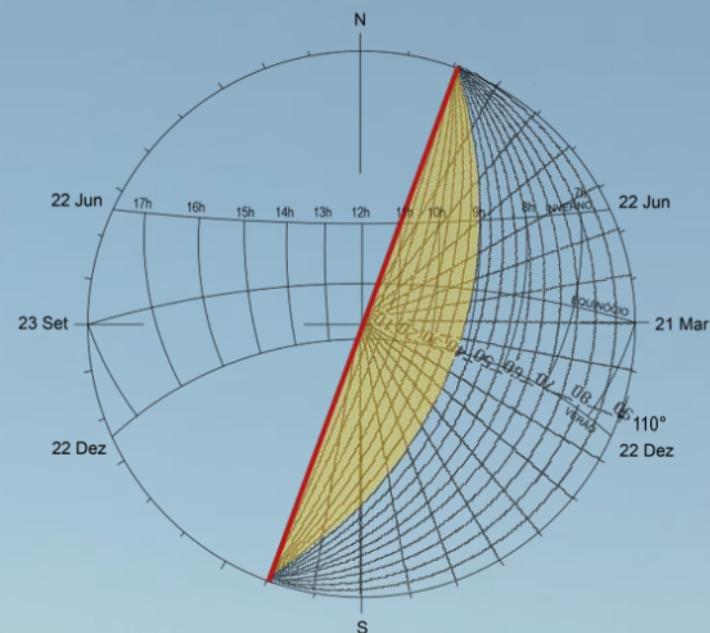
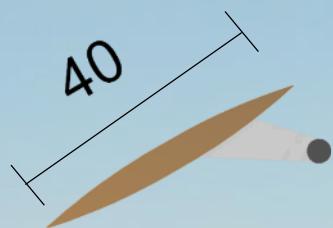


Fachada Leste - Sudeste



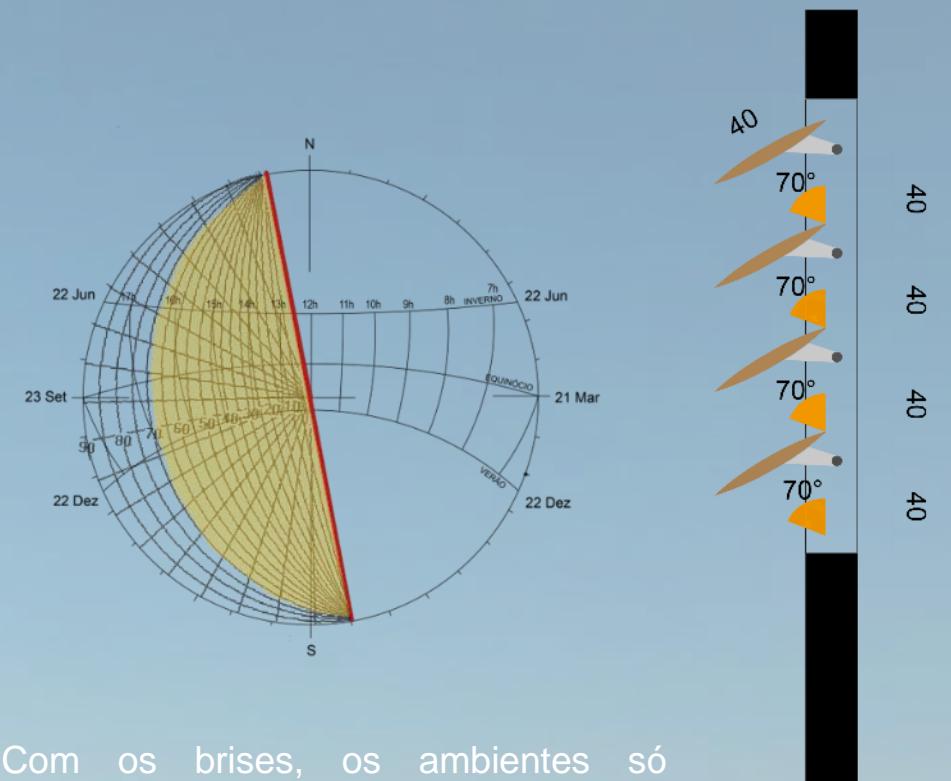
Brises

A utilização de brises se faz presente no projeto com a intenção de diminuir a insolação que os ambientes recebem. Como há uma exposição maior da fachada oeste ao sol no período vespertino, os corredores dos quartos foram projetados nessa orientação, por serem espaços com uma menor permanência de tempo dos residentes. Mesmo assim, os brises se fazem presentes, protegendo-os dos raios diretos e proporcionando ventilação. O mesmo foi implantado nas fachadas envidraçadas e outros ambientes com um maior índice de insolação.



Com os brises, os ambientes só receberão sol até as 9 da manhã.

Fachada Oeste



Com os brises, os ambientes só receberão sol após às 5 da tarde.

Fachada Norte

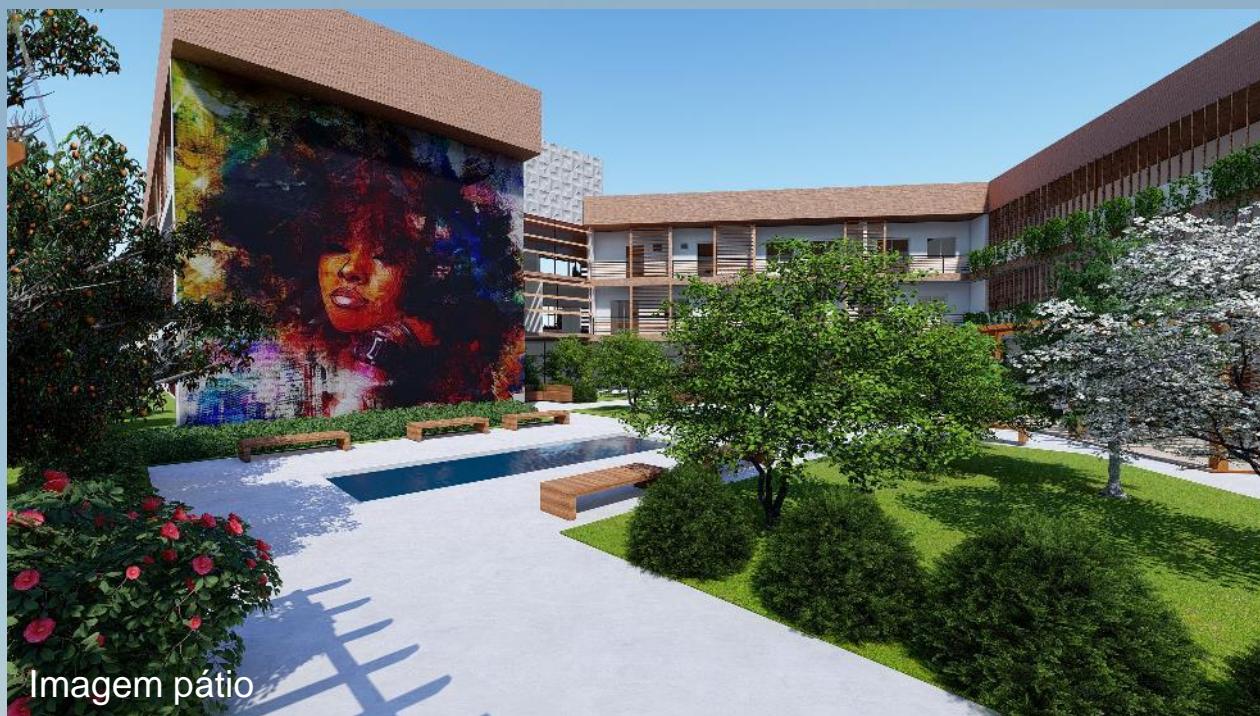


Imagem pátio



Imagem jardim

RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

ANEXO I

APÊNDICE ao TCC

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Talita Santana Costa do Curso de Arquitetura e Urbanismo, matrícula 2016.1.0016.0106-4, telefone: (62) 9 9987-1109, e-mail talita.arq.98@gmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Centro de Assistência para Mulheres em Situação de Risco, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 15 de dezembro de 2020.

Assinatura do(s) autor(es): _____

Nome completo do autor: Talita Santana Costa

Assinatura do professor-orientador: _____

Nome completo do professor-orientador: Sandra Catharinne Pantaleão